BRANCO E NEGRO



CAMPONEZA

PREÇO 40 RÉIS N.º 37

REPRODUCÇÕES

DE

Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustracões de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE

Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes : — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

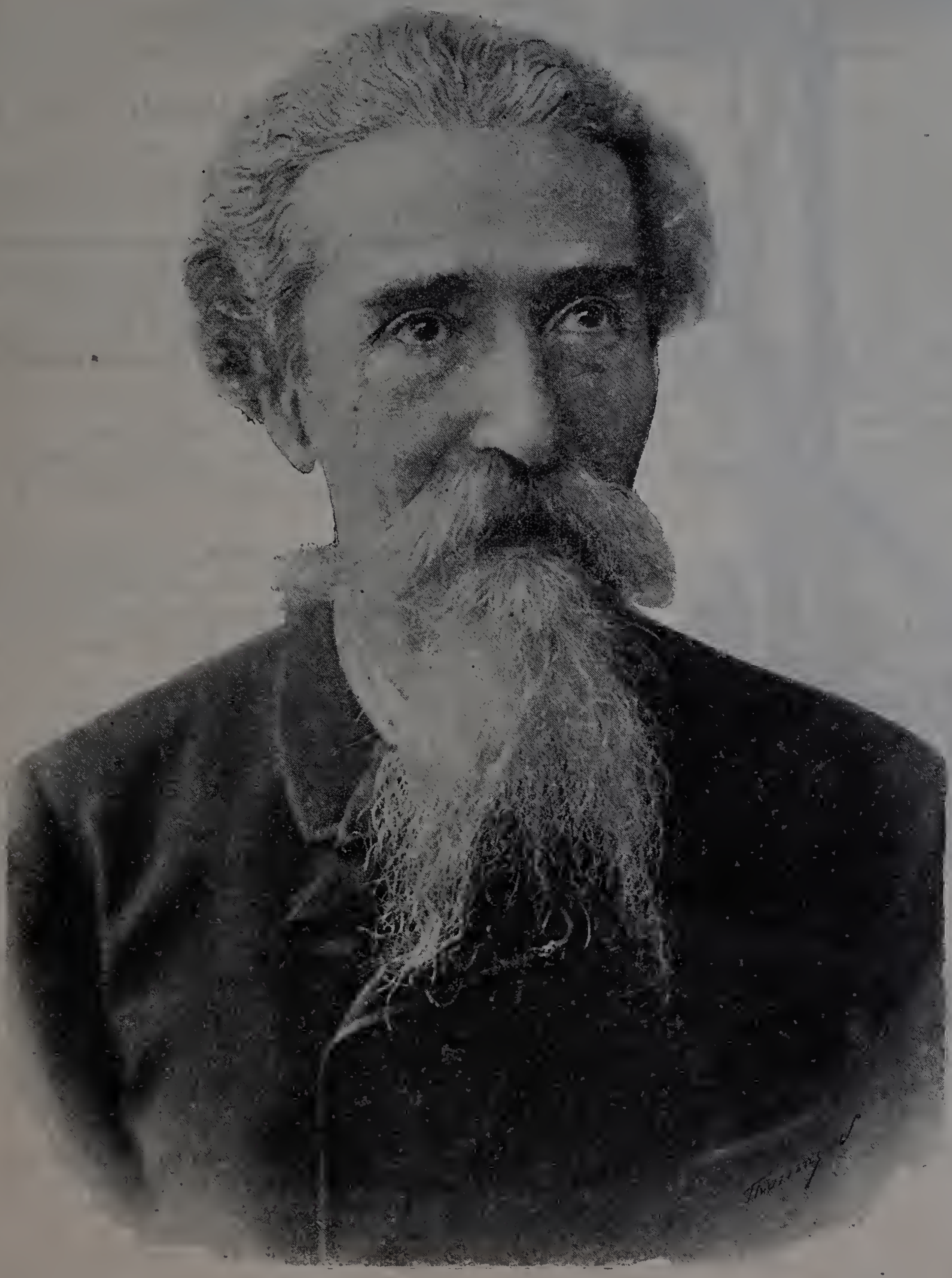
43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 37	Lisboa, 13 de Dezembro de 1896	1.º ANNO

BULHÃO PATO



O *Branco e Negro* folga em poder dar hoje aos seus leitores o retrato de um homem que encheu toda uma geração litteraria com o brilho do seu talento. Bulhão Pato, vindo ainda dos bellos tempos do romantismo que o naturalismo veiu pôr fóra de combate, com novas fórmulas e novos processos na maneira de escrever é, ainda assim, um dos que acompanha mais esse movimento progressivo das letras, evolucionando na prosa e na poesia, que escreve vernaculamente como poucos. A sua ultima obra o *Livro do Monte*, de que adiante damos um bellissimo extracto, é uma prova de que o talento poetico de Bulhão Pato continua a ser fulgurante como ha 20 annos, com a differença apenas de se ter amoldado ás exigencias da nova metrificação. Isto é ainda mais um florão a acrescentar á sua corôa de poeta. Além d'isso, na sua vida d'academico, Bulhão Pato foi elevado, ha pouco tempo á dignidade de Socio de merito da Academia Real das Sciencias, honra que ainda até hoje não tinha sido concedida por aquella aggremiação litteraria e scientifica.

Do "Livro do Monte,, de Bulhão Pato



O PINHEIRO BRAVO

A José Thomaz de Soisa Martins

Assustada de um tiro, esquiva rola brava,
Deixou caír do bico um pinhão. Rutilava
O sol canicular. Celeste semeadora,
Achou fertil o chão, fosse o terreno, embora,
Quasi de rocha viva, e contraria a estação !

Correram annos já. Quantos annos lá vam!...
E o pinheiro bravio, esbelto, a frondear,
Nas escarpas da Costa, a pique sobre o mar !

Em vindo a primavera, a rola forasteira
Vae lá crear a prole, onde outra companheira,
Um dia, ao perpassar, lançara dos espaços
O fecundo embrião, que deu aquelles braços !

Ha trinta annos. . Ha mais ! na minha mocidade,
Á caça, quanta vez logrei a amenidade
Da tua grata sombra, em dias de verão !...

Saudavas-me, a cantar, co'a fresca viração !
Ondulavas ufano, em quanto a minha mente
Ondulava tambem, sonhando alegremente !

O moço montezinho, e a cabrada offegante,
Buscavam-te o sopé, na calma coruscante !

Os rapazes, trepando, iam roubar-te as pinhas,
E tu, como bom pae, nos braços os sustinhas !

Da cruel granisada, em tempos d'invernia,
Muita vez me abrigou a tua ramaria !

O furacão austral não te insultava a fronte —
Em pé, robusto, e só, no pincaro do monte !

*

* *

Hontem, quando subia o serro alcantilado,
Ouvi soar, ao perto, uns golpes de machado ..

Chego, e vejo o trunqueiro a jogar-lhe á raiz
O ferro dendroclasta. A coma do infeliz
Entrou a vacillar, e rangia-lhe o tronco,
Por um fio agarrado inda ao penedo bronco!

Mais um golpe... Baqueou! Julguei ouvir então
Caír em cova enorme um enorme caixão!

Dos vãos da rocha alpestre o funebre ruido
Rolou até ao mar, e acabou n'um gemido!

Mandava-lhe um suspiro, o colossal pinheiro!
Pouco antes de morrer, ao mar, seu companheiro,

*
*   *

Eu, quando o vi tombar no dorso da montanha,
Com a copa abatida, as raizes lascadas
Pelos golpes brutaes d'aquellas machadadas,
Senti no coração entrar-me dôr tamanha,
Como se n'um jazigo,
Aberto na montanha,
Me caísse um amigo!

DE VOLTA Á MALHADA

O pinheiral d'El-rei, perto do Monte,
Corre ao longo da Costa. Na invernia,
Quando as nuvens lhe achatam o horisonte,
E lhe sacode o sul a ramaria,
A' resaca do mar junta os gemidos!

Ulula, range, estrala, grita, implora!
E, como o proprio mar, solta rugidos,
Ao crescer da tormenta assoladora!

*

Hontem, porém, o norte limpo e brando,
Das cordas da ramagem sonorosa,
Arrancava lhe uns sons, de quando em quando,
Semelhantes á nota peregrina
Da tristeza amorosa
Da leve casuarina!

Quando era moço e amava,
Como essa nota divina
Me arrebatava!...

E hontem ouvi a
Apenas echo sumido,
Que a minh'alma conhecia
De quando tinha vivido!

*

O campo falla e escuta! São ac ritos
Os grandes arvoredos!

Caudaes, ribeiras, fontes, passaritos,
Correspondem ás nossas confidencias,
Contando nos segredos!

Fundem-se em nós aquellas existencias,
Que tem auroras, noites, tempestades,
E a folha morta!... E, como nós — saudades!

*

Os corvos altaneiros,
Na direcção do mar,
Saíndo dos pinheiros,
Seguem a crucitar!

Sol posto. Lá, distante, da jardia,
Vem o rebanho. Andou, desde a alvorada,
A pastar todo o dia.

Cheguemos á Malhada.
Fizeram-na campeira,
Que o fato é grande, alegre e saltador!

A' rez, que se tresmalha o cão da Beira,
Um rafeiro de raça,
Latindo, a faz voltar.

Vozeia, ameaça,
Silva, e floreia o baculo, o pastor!

Aos latidos, aos silvos, ao vozear,
Aos berros da cabrada,
Que vem, a tilintar,
Correndo á desfilada,
Retumba o pinheiral!

Esteril, desmandado,
Foge o gado maninho; e, socegado,
Entra o fecundo alfeire no curral!

*

Trazem as cabras, rebentando, os uberes!
Começam-se a ordenhar. Dá, qual mais mansa,
Um tarro, a trasbordar, de leite espumeo!

A' porta da Malhada, o cão descança!

BULHÃO PATO.

Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre



VISTA ALEGRE — Largo e capella da povoação

São sobejamente conhecidos os excellentes productos d'esta fabrica, unica no seu genero em Portugal, e cujos productos têm sido premiados em todas as exposições extrangeiras onde tem concorrido, como em Paris, Londres, Philadelphia, Vienna de Austria, etc.

Não se sabendo, porém, com precisão, onde fica situado este estabelecimento, cuja viagem é facil e agradavel, vamos dizer alguma cousa para animar o leitor que se interessar pelas nossas industrias nacionaes, a vir visital o.

Este importante estabelecimento fabril esta situado na pittoresca povoação da Vista Alegre, a pouco mais d'um kilometro da villa d'Ilhavo, sendo banhada pelo braço da ria que passa a Ilhavo e segue para Vagos e Soza, terminando no Bócco. O viajante que sahir, na estação do caminho de ferro d'Aveiro, tem boa estrada que o conduz áquella povoação e cuja distancia é apenas de 7 a 8 kilometros. Chegado alli, e no topo d'um grande largo circumdado d'arvores seculares, depara com a modesta frente d'este grande estabelecimento. Do lado esquerdo, e formando quadrado, está a magestosa capella, digna de ser examinada attentamente pelos primorosos trabalhos em marmore, pelas bellas pinturas do tecto e pelos bons azulejos.

No regresso, o forasteiro poderá seguir a via fluvial, trajecto mais moroso, mas encantador, especialmente n'esta epocha. Depois de passar a ponte de pedra d'Ilhavo, é um panorama admiravel e variado. Do lado da Gafanha, estendem-se grandes tapetes de verdura rematados de dunasinhas de areia, que se elevam aqui e alli, no meio d'esse vasto areal. Do lado opposto, avista as innumeras pyramides de sal que orlam a ria desde Ilhavo até Aveiro. Finalmente, durante o trajecto é devéras surprehendente a enorme confusão entre este panorama immenso e o crystallino das aguas guarnecido pelos ferteis tapetes de vegetação, matizados pelas alvas pyramides de sal, que constituem uma importante industria para Aveiro e Ilhavo.

Segundo a tradicção, a povoação da Vista Alegre foi fundada ha 200 annos pelo bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, cujas cinzas repousam em primoroso mausoleu, na rica capella de Nossa Senhora da Penha de França, que elle alli mandou edificar. Depois da morte d'este bispo, o magnifico templo e casa de habitação d'este principe da egreja foram abandonados, até que, pelo anno de 1820, o benemerito e já fallecido sr. José Ferreira Pinto Basto (o Patriarcha d'essa illustre familia tão conhecida no paiz) comprou a quinta e capella, junto das quaes só existiam ruinas da habitação prelaticia. (1)

Poucos annos depois, tendo este senhor, tão emprehendedor como intelligente, concebido a idéa de crear esta industria, escolheu as suas propriedades da Vista Alegre, visto constar que as materias primas existiam nas circumvisinhanças d'Aveiro, pois que nos fins do seculo passado e sob a direcção do general Bartholomeu da Costa se tinham feito as primeiras experiencias para o fabrico da porcelana dura, com materias primas das proximidades d'Aveiro.

Era, finalmente, este senhor, quem havia de realisar esta grandiosa idéa, dotando o seu paiz com uma industria nova, sacrificando para isso parte dos seus capitaes e da sua robusta intelligencia.

Seria porventura o interesse que o levou a abalançar-se a esta colossal empreza? De certo, não. Foi sim o desejo de concorrer para o progresso, creando essa nova industria no seu paiz. Por isso, com justa razão foi cognominado : benemerito — merecendo as bençãos do paiz inteiro.

E, assim, em 1824 fundou a fabrica no local já descripto, a pouco mais d'um kilometro para o sul da minha querida terra natal.

Uma das primeiras obras realisadas, foi a construcção d'um forno, mas não deram resultado satisfactorio as primeiras experiencias, apesar de não faltarem bons artistas, mas faltava o *kaolino* (substancia argilosa) que não apparecia nas differentes amostras de barro, e que era indispensavel entrar no fabrico da porcelana dura, pois o caracter principal do *kaolino*, é ser infuzivel, e conservar a sua côr branca durante a sua cozedura. Não desanimou, todavia, este infatigavel trabalhador, empregando todos os esforços para ver coroada de bom resultado a sua arrojada empreza. Mandou construir casas para habitação dos operarios, podendo dizer-se que é n'esta epocha que áquelle local cabe o titulo de povoação. Chamou artistas do estrangeiro, e mandou um dos seus filhos em viagem d'estudo aos principaes estabelecimentos congeneres dos paizes mais adeantados; mas em vão, pois apenas se obtinha faiança, e poucos progressos se faziam. Até que, 10 annos depois, (1834) o aprendiz d'oleiro, Luiz Pereira Capote, natural d'Ilhavo, descobriu o *kaolino* n'uma amostra de barro de Val Ricco, concelho da Feira, districto de Aveiro.

D'ahi por diante começaram os successivos progressos na fabricação da porcelana dura e, em poucos annos, poude competir em qualidade e preço com a estrangeira.

(1) Investigações recentes dizem que o proprietario da quinta da Vista Alegre foi o dr. Manuel Furtado Botelho, fallecido em 9 de setembro de 1733, segundo consta do livro dos obitos da freguezia d'Ilhavo. Que D. Manuel de Moura Manuel, Bispo de Miranda, vinha passar alguns mezes á quinta da Ermida (a um kilometro ao sul da Vista Alegre) pertencente a seu irmão primogenito Ruy de Moura Manuel, e que, durante a sua estada aqui, travára relações intimas com o proprietario da quinta da Vista Alegre. Que, passados annos, o Bispo mandou edificar o primoroso templo de Nossa Senhora da Penha de França nas propriedades do referido proprietario, dr. Botelho. Este em testamento, instituiu sua herdeira universal uma filha do Bispo. E, finalmente, que o sr. José Ferreira Pinto Basto, comprou a quinta e capella no anno de 1815 a um tetraneto do Bispo — Alexandre de Castro Brandão, que foi capitão-mór em Cantanhede.

O seu infatigavel fundador, que falleceu em 1839, teve a gloria de vêr coroados de bom exito os seus grandes esforços.

Passou a ser propriedade de seus filhos e actualmente de seus netos, estando hoje a administral-a o seu neto o Ex.mo Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, cavalheiro muito illustrado e de fina educação que, seguindo as pizadas dos seus antecessores, tem continuado a introduzir alli melhoramentos importantes.

N'este estabelecimento existem, em museu, exemplares de toda a louça fabricada, desde a fundação da fabrica, podendo o visitante avaliar os successivos progressos d'aquella industria. Tambem alli está o busto do fundador e do operario que descobriu o *kaolino*.



A Fabrica de Vista-Alegre, e a ria

Dirigindo os trabalhos de porcelana está actualmente Monsieur Roulet, que tem prestado importantes serviços, augmentando a producção da louça com mais economia e perfeição, tendo ultimamente, e debaixo da sua direcção, sido feitos dois fornos pelo systema moderno, que têem dado bons resultados.

São bastante amplas as salas de olarias e de pintura.

Tem machina a vapor montada em 1865 por Werlong, qve tem a força de 14 cavallos. A chaminé, para dar prompta sahida ao fumo, tem 14 metros de altura, tendo sido construida em 1879 por operarios nacionaes do mesmo estabelecimento.

A lytographia com applicação á pintura em porcelana, foi introduzida alli em 1880, e são muito satisfatorios e economicos os seus resultados.

São magnificos os trabalhos em pintura, pois tem artistas de muito merecimento. Alguns d'elles têem frequentado a escola industrial d'Aveiro, que funcciona ha 2 annos, e, a maior parte d'elles, têem obtido a clasificação de distinctos nas suas provas finaes.

As rodas d'oleiro são movidas pelo pé dos proprios oleiros, mas já ha algumas cujo movimento lhes é transmittido pela machina a vapor, sendo rapida a fabricação d'algumas peças.

O numero de pessoas alli empregadas é superior a 400 d'ambos os sexos, e quasi todas do extincto concelho d'Ilhavo e da villa de Vagos, regulando os ordenados do pessoal inferior desde 120 reis até 1:000 reis.

Ha alli uma excellente phylarmonica composta d'operarios do mesmo estabelecimento.

Tem um pequeno theatro, que tem pinturas de merecimento.

Ultimamente foi alli construida tambem uma praça de touros.

Realisa-se mensalmente n'esta pittoresca povoação um mercado importante e abundantissimo, conhecido pela triplice denominação de: *Feira dos Treze*, *da Ermida*, e *do Bispo*. Diz-se: *dos Treze*, por ser feita n'este dia; *da Ermida*, porque a Vista Alegre pertenceu ao extincto concelho e Couto da Ermida; *do Bispo*, por esta povoação ter sido residencia do Bispo, de quem acima fallámos.

Eis em breves traços a descripção da Vista Alegre, cuja etymologia lhe advem por estar sentada sobre uma pequena collina na margem da ria.

Ilhavo, Setembro de 1896.

MANUEL FERREIRA DA CUNHA.

«SURSUM» CORDA

(A Arthur Magalhães)

N'uma sordida e lugubre mansarda
um namorado, imberbe poetastro
esperando a Camena que lhe tarda
a vista emprega no nocturno astro.
Doce mister d'uma existencia parda
que em rimas vãs pretende deixar rastro!
Desce a Camena vaporosa e branca
com um sorriso bom que a Dôr estanca.

A leveza do trage mal disfarça
as fórmas d'Ella — um sonho de Corregio —
cae-lhe nos hombros nús a coma esparsa
como se fôra um aureo manto regio;
um raio de seus olhos, de côr garça,
levára mesmo um santo ao sacrilegio.
Sente-se ao vêl-a a alma logo escrava
que a pua do Desejo em nós se crava!

Ao vêl-a o poeta quasi fica estulto
quer fallar... na garganta a voz lhe pára,
os olhos fitos no divino vulto
mais branco do que um marmore de Carrara.
Cae em joelhos, á Musa presta culto,
depõe-lhe aos pés a lyra que afinára...
Temendo então romantica parlanda
ao vate a Musa fala com voz branda:

«Já sei, o teu intuito é dar á estampa
um poema em verso que te dê prestigio
para que alguem te grave sobre a campa
A Morte arrebatou este prodigio!
Subiu, cantando, da existencia a rampa
n'ella deixou um immortal vestigio.
E por cantar o Amor (oh! coisa pandega!)
foi nomeado director da Alfandega!

Mil vezes não! a tua lyra apromptа
mas, meu amigo, applica-lhe outras cordas
comigo a outros páramos remonta
e deixa os futeis madrigaes que bordas
á dama que te paga com a affronta
O amor sincero e puro em que trasbordas,
sáe d'esse tremedal, onde passeias!
Arroja-te ao mar largo das Ideias.

LUIZ CALLADO NUNES.



RUINAS DA EGREJA DE S. FRANCISCO EM TLAMANALCO, perto da capital do Mexico

Viagens no Paiz

(XIII)

MONSÃO

VENHA d'ahi, leitor.

Aposto em como, depois que ha o caminho de ferro do Minho, nunca mais lhe lembraram as velhas estradas de macadam, nem as *diligencias* impossiveis que ronceiramente cruzavam a estrada real de Braga a Monsão?

Tambem não é minha intenção fazer-lhe experimentar esse *petisco*.

Eu costumo viajar commodamente. Venha d'ahi.

Em Tamel, logo adiante de Barcellos, espera-vos um caleche, logo á sahida da estação, que vos levará, cortando primeiro o risonho valle do Neiva, e entrando em seguida na extensa e fertilissima veiga de Corrilhã, a Ponte do Lima.

D'ahi, atravessamos a esguia e comprida ponte manuelina, e vamos, pelo antigo convento de Refoios, seguindo



MONSAO — Rua Nova do Commercio

a margem direita do Lima, que deixamos, para passar ao pittoresco valle do Vez, até aos Arcos, onde descançamos um pouco e esperamos que nos mudem os cavallos.

Temos de seguir a estrada de Monsão, atravessando a serra do Extremo, na portella d'este nome.

São perto de tres leguas de subida constante, mas que vale a pena não só pela paysagem do valle do Vez, que é deliciosa, mas muito principalmente porque, no concelho de Monsão, não deve o visitante entrar pela primeira vez, senão por ahi, se quer formar uma idéa approximada do concelho.

Eis-nos no Extremo.

Dito o ultimo adeus ao valle do Vez e ao longinquo castello do Nobrega, defrontamos com a maior parte do concelho de Monsão, ao fundo do qual corre sereno, mas poeticamente melancolico, o Rheno Portuguez.

Lá em baixo, muito em baixo, a villa de Monsão, destacando a sua casaria branca, cercada de verdura, no meio do que, vista do alto, se nos afigura uma vastissima planicie.

Mais adiante Salvaterra e depois os montes da Galliza.

A ampla bacia do Minho, estende-se em semi-circulo á volta de Monsão, alargando-se mais para o sul, por onde a fecham as serras do Extremo e de Coura, do que para o norte, onde, a pequeno trecho, a terminam os rendilhados serros das serranias gallegas, ficando quasi todo em territorio portuguez.

Depois, de nascente a poente, o valle do Minho.

A configuração d'esta enorme bacia faz lembrar a vasta cratera de um vulcão extincto, cercado de arestas ponteagudas, apenas rasgadas aqui e acolá, pelas correntes de lava e escorias arrojadas do seu seio.

As serranias fecham-a completamente tambem, restando-lhe apenas a abertura praticada pelo rio.

E se não foi vulcão extincto, existiu n'ella, em tempos prehistoricos, um vastissimo lago, cujos vestigios ainda se encontram na fórma arredondada das pequenas eminencias que cercam a villa, no seu declive facil, e nos vas-

tos depositos de argilla e calhau rolado, que por toda a parte afloram, nas cercanias de Monsão.

Então o terreno, onde hoje se levanta a pittoresca villa, estava todo submerso, e o amplo lago encontrava, pelo valle, onde hoje corre o Minho, cujas aguas, muito mais altas, cobriam com a sua caudalosa corrente a villa de Valença e uma grande parte da margem portugueza do rio, uma larga e facil escoante.

Para o lado de Hespanha, os phenomenos geologicos, que deram origem ao nosso Minho, foram os mesmos, cobrindo as aguas um espaço enorme, ora espraiando-se nas planicies, ora apertando-se nas gargantas de serras, até que rasgada a barreira entre os montes de Santo Claro em Portugal e Santo Tecla em Hespanha, se foi successivamente formando o estuario de Caminha.



MONSÃO —

Datam d'ahi as correntes, por vezes fortissimas, que se estabeleceram dentro do lago e cujos detrictos se mostram por toda a margem do Minho e na bacia de Monsão, em pujantes sedimentos de arzilla e de calhaus rolados.

Depois o rio, cavando cada vez mais fundo o seu leito até chegar ao actual, foi escoando lentamente a velha lagôa.

E o seu antigo assento, umas vezes erguido pelas convulsões geologicas manifestadas pelos afloramentos graniticos de entre as deslocadas camadas sedimentares, outras corroido pelas correntes aquosas, foi formando os pequenos e graceis outeiros que cercam a povoação, cortados de pequenos *talwegs,* hoje quasi totalmente cobertos de graciosos pinhaes, ou de virentes vinhedos.

E n'uma d'essas eminencias, debruçado sobre o Minho, com cujas aguas conversa, nova Julieta enamorada, quasi a meio caminho de Valença e Melgaço, a actual villa de Monsão, celebre pelo seu activo commercio, pelos homens de incontestavel valor que viu nascer entre os seus muros, e pelos assedios que victoriosamente sustentou com intemerata galhardia, contra o inimigo da patria.

Agora, que conhecemos a configuração do concelho, desçamos a estrada que serpeia a principio por entre os pinhaes das freguezias serranas, para depois cortar as ferteis Pias e Moreira, entrando na de Pinheiros, onde se acentua melhor a cultura da vinha em ramadas baixas, ligeiramente inclinadas e voltadas ao sol, que caracterisa o concelho, ao fim do qual se eleva o palacio da Brejoeira, de que já falamos em outro numero d'este jornal, seguindo pelo meio da freguezia de Mazêdo, e entrando na villa pelas Portas do sol, depois de atravessar, desde a Brejoeira, uma serie ininterrompida de encantadoras vivendas e bem cuidadas quintas, que nos dão a impressão de uma cultura prospera e rica, de ninhos de amores e venturas, proximos a uma grande e magnificente cidade.



CALDAS DE MONSÃO — Uma parte do estabelecimento

*
* *

SITUAÇÃO DA VILLA DE MONSÃO

A villa de Monsão está situada, —já o dissemos—sobre uma pequena eminenca, a cavalleiro do Rio Minho.

O rio abriu alli uma passagem, cortando-a a pique : mas, cançado da façanha, espraiou-se no fundo, dando logar a um amplo vau, facilmente transponivel no verão, difficilmente no inverno, onde as aguas do rio marulham docemente, na estação calmosa, e estuam com furor no inverno, por entre o seu leito de pedras.



TA GERAL

Mais acima, junto ás caldas, outro vau, seguido de um remanso onde as aguns dormentes do rio, vem descançar do trabalho cyclopico de romper as muralhas de aspero granito, de que dá uma idéa approximada a nossa gravura que representa — *o posto fiscal da Torre* [1]. Alli, vê-se, o rio corre apertado entre uma garganta de rocha, por elle rasgada perpendicularmente em pasciente espaço secular.

Proximo a este logar, mas muito mais alto, como vestigio palpavel do antigo leito do rio, ficou o *olho marinho* [2], pittoresco e profundo lago natural, coberto de magnificos nenuphares, cuja reproducção de uma esplendida photographia damos ao leitor.

O espelho das aguas reproduz o arvoredo das margens encantaras, cuja imagem apenas interrompem, aqui e acolá, os nenuphares em flôr. Mais abaixo, junto quasi a Salvaterra, o rio fórma outro vau, depois do qual se bifurca, formando uma das mais extensas insuas, pertencente, este, a Hespanha.

A vista de Monsão [3], cuja reproducção apresentamos, mostra bem a pittoresca situação da povoação e os dois vaus a que acima nos referimos, — o de Monsão e o das Caldas, que, na nossa gravura se distinguem pelo ligeiro encrespado das aguas, antes e apoz o seu remanso.

As vastas muralhas, hoje desmontadas e viuvas de canhões e soldados, que cercam a villa, e cujos alicerces o rio beija meigamente no tempo calmo, ou contra as quaes se arremessa nos dias de furor, servem hoje de amplos muros de supporte á povoação.

Logo abaixo dos primeiros escarpos, segue uma nova muralha viva de exhuberantes ramadas, que constituindo uma segunda cintura á villa, formam como um ninho de verdura, emoldurando a casaria da villa, escalonando-se pela espessura dos baluartes, rebatendo-lhe a aspereza, e tirando-lhe por completo o aspecto torvo e bellico, que, a povoação, hoje, olvidada das suas tradições guerreiras, para só ter preoccupações agricolas e commerciaes, não poderia conservar de forma alguma.

Mas a existencia das muralhas, baluartes, barbecans e vigias, agora viuvas e despresadas, mostra bem qual foi a importancia militar da villa, á qual estava confiada a defeza das faceis passagens que alli offerece o rio aos inimigos da patria portugueza.

E tão grande era ella, que ainda no principio do seculo alli deteve a marcha invasora do exercito francez, que nunca pôde transpôr as margens do Minho. Hoje, perdida a importancia militar, as obras avançadas dos fortes cobriram-se de frondosas vinhas que reflectem no rio o oiro dos seus fructos e o brilho da sua folhagem.

E se a paysagem do Minho, junto a Monsão, é bella, como o attesta a nossa gravura, imagine-se o que será vista do alto das muralhas da villa.

Alem para o poente, abre-se o vasto valle do Minho. O rio contorna a insua, desce, espraiando se em frente a Lapella, cuja alta torre se devisa, e lança se, correndo, em direcção a Valença.

Para o nascente, o valle vae-se apertando, em direcção a Melgaço, onde as montanhas quasi o fecham abruptamente.

Em frente, o caminho de ferro hespanhol de Orense a Vigo, rola, silvando, deixando a estação de Salvaterra, ao atravessar a magnifica



MONSAO — Praça de Deuladeu, lado sul

[1] Vista do posto fiscal da Torre.

[2] Vista do Lago do Olho marinho — Logar da Torre — Monsão.

[3] Vista de Monsão, olhada de Salvaterra (Hespanha).

e vasta propriedade de D. Alexandre Mon, em Tearres, banhada pelo sol e carinhosamente beijada pelo rio Minho.

Quem nos dera que o leitor amigo assistisse, d'alli, d'aquellas vetustas muralhas que o sangue portuguez tanta vez defendeu e regou, ao nascer do sol, inundando da luz da manhã o encantador valle do Minho, ou ao pôr do sol que envia o seu ultimo suspiro de luz ás frementes aguas do rio!

Estamos certos que a sua alma, extasiada, aqui ficaria presa, a esta villa tão cheia de bellezas nativas e que espero só que os seus habitantes lhe tenham o amor, que se radica no coração dos estranhos que uma vez a vêem, para ser a primeira, como já foi, entre as povoações do nosso Minho, com verdade acclamado pelo Rheno Portuguez, pela magestosa severidade e belleza da sua paysagem.

*

* *

A villa de Monsão, pelo menos a actual, data de 1260, epocha em que a povoou e lhe deu foral D. Affonso III, estabelecendo-a no antigo *couto de Manzêdo*, hoje freguezia de Mazêdo.



MONSÃO — Praça de Deuladeu

Julgamos serem verdadeiras lendas as que se referem á existencia, no sitio actual da villa, ou suas cercanias, de uma cidade a que os gregos, seus fundadores, dariam o nome de *Orosion*, convertida na *Olobriga* dos celtas e depois na *Mámea* ou *Mamia* dos romanos, e finalmente no *mons sanctus* dos suevos, que lhe teriam restituido, traduzido em latim, o *Orozion* grego.

Tudo isto não passa de puras phantasias dos archeologos gulosos de dar grande antiguidade ás nossas povoações, sem que até hoje se tenha mostrado utilidade alguma em pintar com o pó dos nossos sapatos, o dos seculos passados, a não ser em beneficio da industria nacional dos engraxadores.

Pela etymologia, a velha *Orizion* deveria ser a moderna Orense, cuja antiguidade é incontestavel, e, por ella, tambem se não explica bem porque é que, excepcionelmente, converteriamos o *mons sanctus* latino em Monsão, quando a verdade é que sempre o traduzimos por *Monsanto*, muito mais conforme á indole da nossa lingua.

No foral de D. Affonso III o que se lê é a palavra *Monzon*, d'onde pelo adoçamento do *z* hespanhol, se passou facilmente para a Mons ão actual, talvez porque d'alli começasse a navegação fluvial, e os barcos, que a effectuavam, esperassem alli monção opportuna de a realisarem.

Fosse como fosse, a Monsão actual deveu a sua existencia a necessidades estrategicas de defeza da fronteira do reino, que findava no Rio Minho. A esta mesma razão deveu ella as suas fortificações, que defendiam a passagem dos vaus do Minho já referidos.

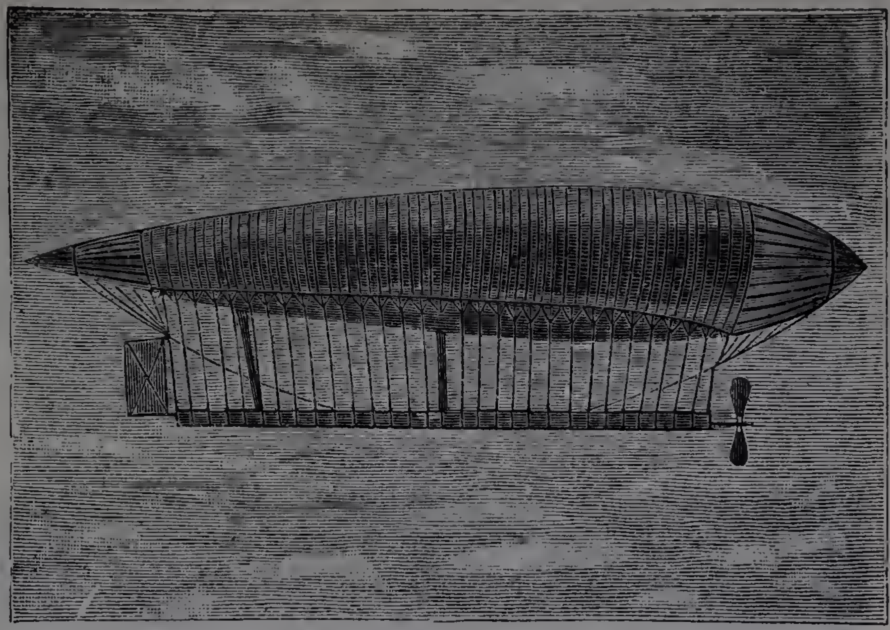
(Continua.)

JOÃO SECCO.

A Invenção dos Balões

(Excerpto do novo livro *A Chave da Sciencia*)

É devida ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Natural de Santos, Brazil, fez a primeira ascenção (a primeira não só em Portugal, mas em todo o mundo) em 8 de agosto de 1709, em Lisboa, da praça d'armas do Castello de S. Jorge, vindo cair no Terreiro do Paço, com assistencia de D. João v, da côrte e de grande multidão, que acclamava com enthusiasmo o inventor, quando se elevava nos ares, e quando descia sem o menor incidente O *aerostato* do padre Bartholomeu, o *Voador*, tinha um pouco a fórma d'uma ave, e por isso se lhe chamou *Passarola*, nome que passou tambem para alcunha do inventor.



O BALÃO DIRIGIVEL RENARD E KREBS

Pretendeu a França, por muito tempo, ter a primazia da invenção dos *aerostatos*, attribuindo-a aos irmãos Montgolfier, mas a verdade é que estes só em 1783 fizeram a sua experiencia, na cidade de Annonay.

Avaliam-se em perto de 50:000 as ascenções realisadas, sendo a mais importante a de Glaisher, chefe da secretaria metereologica de Greenwich, em 1862, que se elevou a 9:000 metros de altura, sendo de tal ordem o abaixamento de temperatura, 29° abaixo de zero, que, para descer, teve de puxar com os dentes a corda da valvula. Nas regiões muito altas a côr da atmosphera é muito escura, e nenhum som alli se ouve. A pressão dos fluidos interiores do corpo, sendo maior que a pressão do ar exterior, produz hemorrhagias, picadas, tonturas, frouxidão geral e somno. A respiração acha-se opprimida, o pulso muito accelerado, pelo que, respirando-se com grande frequencia, n'um ar extremamente secco, a deglutição torna-se difficil. Para evitar estes effeitos produzidos pela excessiva elevação, o aeronauta vae munido d'um barometro de mercurio, cuja columna sobe ou desce em sentido opposto, isto é, sobe se o balão desce, e vice-versa.

A direcção dos balões ou a navegação aerea. — Este problema consiste em imprimir ao *aerostato* um impulso horisontal, em qualquer sentido, qualquer que seja a direcção e força do vento e mais correntes atmosphericas, como se imprime a um barco sobre as aguas. Se os barcos pódem ser dirigidos com o auxilio do vento, é porque na agua encontram um ponto de apoio. Este ponto de apoio para os aerostatos foi achado theoricamente.

Assim como a agua sustem a embarcação e offerece á força motora um ponto de apoio indispensavel para produzir effeito, assim o ar deve permittir ao aerostato estes dois elementos para a solução do problema da navegação aerea. Na verdade, o ar substitue o mar, como o aerostato substitue o barco. Se o ar está tranquillo, o aerostato pára, e então é necessario, para o fazer mover, a acção d'um motor qualquer. Se, por exemplo, se fixar á barquinha um helice de eixo horisontal, fazendo-o mover com rapidez sufficiente, impellirá o aerostato, tomando o ponto d'apoio na massa de ar, exactamente como faz o helice d'um barco que tem o seu ponto de apoio na agua. Quanto á direcção do aerostato, obtem-se por meio d'um leme, no lado opposto ao do helice, que funccionará no ar, como os dos barcos funccionam na agua.



PÁRA QUÉDAS

Theoricamente, pois, a navegação aerea é sempre possivel, quando se dêem as seguintes condições:

1.ª Ser o aerostato munido de um motor, leve e ao mesmo tempo energico, que lhe possa imprimir uma velocidade sufficiente, sem lhe diminuir muito a sua força ascensional;

2.ª Ter um helice e um leme apropriados ao meio gazoso onde se ha de mover.

Praticamente, um aerostato assim só é dirigivel n'uma atmosphera tranquilla ou contra um vento de velocidade inferior á sua propria velocidade; ora estas condições praticas são muito raras e muito difficeis, e são ellas que têem obstado a resultados mais completos da navegação aerea.

A experiencia de maior valor pratico foi a realisada pelos capitães francezes Renard e Krebs, em agosto de 1884, no seu balão, cuja fórma se acha representada na nossa primeira gravura. Tinha 1:800 metros cubicos, supportava um peso total de 2:000 kilogrammas, e o helice era movido por um motor electrico. Obedecia facilmente ao leme, mudando de direcção quando se queria.

Em 1890 o official de artilheria Cypriano Jardim fez, no theatro de S. Carlos, em Lisboa, uma conferencia, em que expoz a theoria d'um balão dirigivel, de sua invenção. A conferencia foi seguida d'uma experiencia, feita com um modelo de 5 metros de comprimento, e que tinha a fórma d'um cravo ou prégo. Do balão está suspensa uma barquinha, munida d'um eixo de veio articulado, que permitte que elle suba e desça sem perda de lastro ou de gaz. Effectivamente o balão fez todas as evoluções que o seu inventor annunciou, mas convém não esquecer que as fez n'uma atmosphera socegadissima, sem ter que vencer — as correntes de ar, unicos obstaculos de valor que se oppõem á realisação pratica da direcção dos balões.

Travassos LOPES.

INTERIORES HOLLANDEZES

Em toda a Hollanda, no Norte, na Zelandia, na Frisa, a cosinha rural tem o mesmo aspecto e o mesmo typo consagrado, tradiccional, muitas vezes reproduzidos nos adoraveis quadros de interior de pintura hollandeza, nas aconchegadas scenas de familia, nas alegres festas do Natal, dos Reis e de S. Nicolau, descriptas nas pequenas telas incomparaveis de Jan Steen, de Van Ostade, de Gerardo Dov.

A vasta chaminé guarnecida de madeira de carvalho é forrada interiormente de faiança de Delft azul e branca, tendo ao centro como fundo á fogueira uma chapa de ferro forjada, polida a esmeril e contendo quasi sempre um baixo relevo. O fogo para cosinhar faz-se n'um grande tacho de ferro com tres pés, sobre o qual está suspensa a marmita ou a chaleira de cobre, e que ao mesmo tempo serve de fogão e de borralheira, onde a turba se conserva em braza de um dia para o outro. A trempe, os cães, o atiçador, as tenazes, são de bronze lavrado ou de cobre polido. Em cima, no bordo de madeira, contra o panno do muro, poisa perpendicularmente uma fieira de pratos de estanho ou de loiça, sobre o qual se penduram symetricamente, em tropheu, outros pratos mais pequenos, diversos de côr e de fórma.

N'uma cantoneira, os vidros e a baixella de mesa.

Em estantes descobertas, a loiça de cosinhar, as prateiras, os passadores, as canecas de estanho e de grez.



Outras prateleiras mais pequenas são destinadas a varios fins. N'umas enfileiram-se os boiõesinhos brancos das especies com os respectivos letreiros impressos na porcelana; de outras pendem os cachimbos de gesso; n'uma outra estão por conta os ovos, ás duzias, separados uns dos outros e cada qual em sua cava; n'aquella arrecada-se o sabão; n'aquell'outra os phosphoros; n'esta suspende-se em panoplia a collecção das colheres da cosinha e da despensa, umas lixadas, outras polidas, envernizadas de vermelho ou de amarello com desenhos em preto.

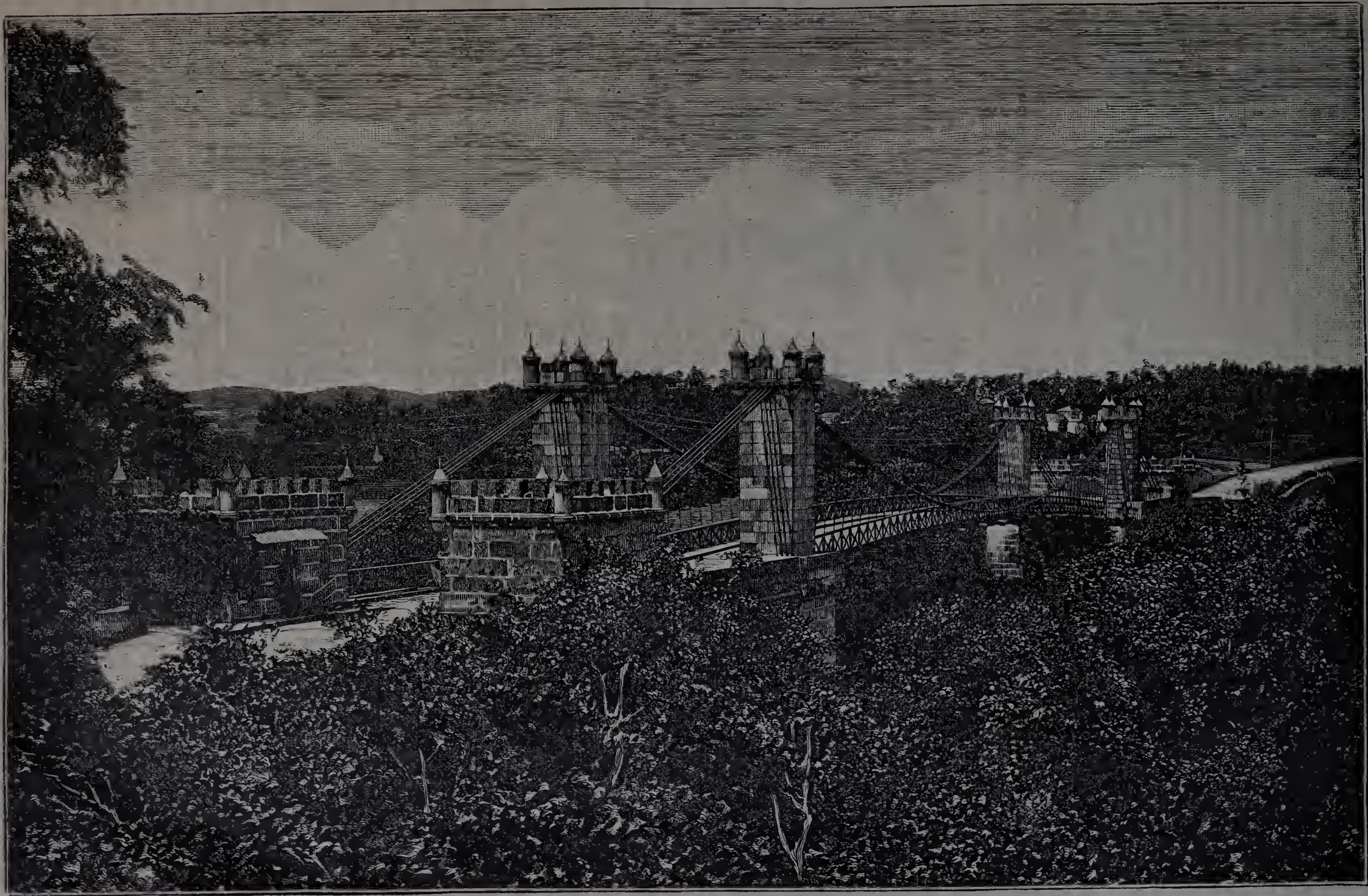
Adornam ainda a parede outros utensilios de casa: o grande esquentador de cobre lavrado, com cabo de pau santo; o folle de bico de bronze; o espanador; a antiga bacia de barba, de Delft ou do Japão; a candeia, a lanterna de cobre; o pequeno relogio de pesos.

Muitas vezes a mobilia e a alfaia são antigas, de caracter artistico, no mais puro stylo do seculo XVI e do seculo XVII; e frequentemente se admira, pela elegancia da fórma e pela delicadeza do lavôr, o escabello, o bufete, o armario, a arca, a prensa da roupa e a do queijo, a estante das colheres, o berço, a dobadoira, a roda de fiar, a ferragem do lar, o bronze dos cães da chaminé, o cobre do esquentador, o grez do pichel, o estanho do pote de tabaco.

Dois ou tres armarios encravados no muro servem de leito e de alcova.

A' janella, entre o cortinado branco, canta um canario n'uma gaiola de junco japoneza, e por cima das flôres que adornam o parapeito vê-se para fóra em moldura sorridente, atravez do tom doirado e tepido do conforto interior, o quadrado verde do longo prado, uma aldeia entre arvores ao fundo, uma revoada de grandes gaivotas sobre um espelhamento d'agua, e, sobresaindo da relva n'um risco perpendicular alvejante ao sol, o osso de baleia cravado em poste no chão para servir de coçadoiro ás vaccas.

(Da *Hollanda*) RAMALHO ORTIGÃO.



PONTE DA TROFA, na estrada de Santo Thyrso

PIEDADE CAMPEZINA

O caminho que segue a velha estrada d'Algalí, até ao alto do baldio de Arronches é triste e só.

Abre nas passadeiras d'um porto primitivo; no leito de lagedo babujam as aguas tremulas e indecisas da ribeira, que se vão insinuando por entre as terras de pousio, pobres de vegetação, monotonas e desertas; trepa irregularmente até á cruz de granito que defronta o *monte* da Roque Vaz e perde-se no atalho estreito da azinhaga, ao qual servem de valetas as paredes esboroadas das fazendas. Não ha um trigal vicejante enchendo de alegrias esmeraldinas a planura arida; só o vento suão chorando pelas leivas, faz oscillar os ramos aculeados dos carapeteiros. Desenrola-se assim o campo, sem elevações de terreno que lhe desmanchem a uniformidade. Nada perturba o constante silencio das paragens solitarias; e a não ser um ou outro rebanho tosando os pastos mirrados e agitando levemente as moitas de piorno, ou um bando alegre de perdizes, fendendo o azul do ar, n'uma revoada estridente, não ha ali uma unica manifestação vital—canto festivo de cotovia, ou voz fresca de mulher.

Só a terra d'uma côr avermelhada e secca e o ceu calmo e sereno..

Mais para longe vêem-se pedras negras, vestigios, talvez, d'um vetusto castello, abrigo das rapozas.

Como uma sentinella perdida, mas vigilante, esconderijo d'aguias e milhafres, uma atalaya olha o horisonte, nimbada pela luz do sol poente; sobre a sua cupula achatada fazem ninho as cegonhas.

Mas do alto da Roque Vaz, onde poisa o pedestal d'uma cruz, espraia-se a vista descortinando, por entre a franca escura dos olivaes, ao longe, a villa desenhando, no fundo, o perfil das duas torres, as casas acastelladas umas sobre as outras, d'uma brancura encandeiante.

Pelo caminho pedregoso do *monte*, trepa uma mulher; o cantaro em equilibrio sobre a cabeça, as ancas d'uma curvatura sensual coordenando o movimento com o rythmo compassado da marcha.



Da chaminé da casa sobe um fumo tenue perdendo-se n'uma trepidação impalpavel. Sobre a rabiça partida d'um velho arado, um gallo canta rufionamente, batendo as azas, na saciedade voluptuosa d'um sultão dessedentado de prazeres.

Maria do Céu prosegue, tomando uma vereda que, contornando o chiqueiro, entesta com a porta do *monte*.

Por baixo do lenço que lhe achata os cabellos crespos sobre a fronte levemente queimada pelas ardentias do sol, brilham os olhos d'um castanho doce e velludineo; na fulguração accendida pelo cansaço da marcha, parece confundirem-se exquisitamente, a pureza dos sonhos virginaes e a fadiga das orgias decadentes.

De dentro da casa não vem o menor ruido. Ella ultrapassa o humbral e poisa o cantaro sobre a *pilheira*, sacudindo o lenço, d'onde se desprendem algumas gottas d'agua.

Volta-se vagarosamente para a *chaminé*, na qual um rachão enorme se combure, n'uma explosão enorme de brazas. Como quem se impacienta vem á porta, olhando ao longe, n'um anceio vago.

Ha uma ideia pertinaz que lhe avinca na fronte correcta, uma ruga funda de intima preoccupação. No emtanto conserva-se muda, esperando, n'uma immobilidade de estatua.

A tarde vae declinando, n'um explendor de tons vermelhos e alaranjados, colorindo phantasticamente as pedras negras do Sueirão. O silencio é cada vez maior. Impregna-se tudo d'um grande recolhimento meditativo, que mais concentra, n'uma ideia persistente, o espirito inquieto de Maria.

E, na soleira, de pé, n'uma attitude saudosa, o rosto levemente compungido, as lagrimas aljofram-lhe a face, n'um desalento injustificado.

Parece que a consciencia tranquilla se insurge contra um passado inglorioso, immerso na escura noute das faltas frequentes, não remidas ainda por um amor casto, cheio de effusões e ternuras, sem uma queda, produzido por dedicações fervorosas e elevados sentimentos.

A' medida que se faz noite e a escuridão é maior, accentua-se o tom desolador, e só entrecorta o silencio fundo do ermo, o choro da mulher, que redobra, com intercadencias soluçantes.

Agora, pelo caminho, ouve-se proximo o bater pausado d'uma egoa, vindo a passo. Na subida pedregosa um casco escorregando desfere uma scentelha de lume; uma ferradura chocalha, e uma praga corta o silencio, com uma accentuação mascula. A egoa arranca com força e estaca proximo do *chiqueiro*.

Do albardão desce lestamente um homem.

Da porta, uma voz sollicita, a da Maria, interroga no allivio prazenteiro de quem se desopprime das anciedades da espera:

—E's tu, João?

Elle approxima-se, e com ar azedo, responde:

—Recolhe a egoa e anda depressa que temos que falar.

A Maria sahe olhando surpreza o marido; caminha para elle na attitude paciente da resignação; toma as redeas da egoa e segue para o estabulo, de dentro do qual rosna ameaçador um cão.

Volve d'ahi quasi inconsciente, e como se sentisse uma grande inacção a tolher-lhe os movimentos. Pelo seus bellos olhos passa fugitivo o cl rão rapido d'uma tragedia. Palpita-lhe que o seu desenlace será breve, pois ha uma fatalidade sem remedio que a provoca.

Da porta, altercando, vão para junto da chaminé, sentando se ella n'uma cadeira de bunho. Elle então exproba lhe a conducta, com phrases asperas, aggressivas, insidiosas, mas violentas como, quem teima em desfazer uma duvida. No tresloucamento impensado do ciume mal represo, procura indicios de traição que a sinceridade da voz feminil, formulando patheticamente a defeza, não logra fundamentar.

Com villania, na pretensão de derimir a fraqueza da accusação o João busca no passado de Maria as insinuações malevolas.

Traça-lhe a infancia, n'um colorido simples, um periodo fugaz de candura e innocencia; mas por gosto, friza bem a miseria dos parentes d'ella e deprime a, pondo em relevo a perseguição dos *guardas*, á farroupilha, d'onde ella vinha, larapios de lenha e de boleta, assim á laia de maltezes, batidos por todos, sem consideração de ninguem.

O pae, o traste do pae d'ella, um biltre, com o annexim de Piçarra, vendendo a aos quinze annos a um valdevinos, que lhe arranjára em troca umas fazendas arrendadas servindo-lhe de fiador.

Depois a vida de Maria, á gandaia, pelas baiucas, onde pernoitavam os ciganos e os guitarristas vindos da feira de Villa Viçosa; o tom desbragado das suas maneiras, as suas lascivias tão faladas, batendo o compasso da degradação, não se lhe conhecendo affectos que não fossem o apego ao ultimo amante, que afinal a deixava farto e que ella substituia com a mesma leviandade com que mudava a camiza do corpo.

Para desgraça propria a vinda d'ella ao *monte*, por uma noite de orgia, em que tivera a ngenuidade de lhe acreditar as palavras doces e em que se embalára nas caricias.

Bem lhe diziam os outros que a deixasse; mas por causa d'uma maldita doença que tivera, fez a asneira de se casar com tal creatura, victimando todo o seu futuro a essa tolice sem egual, *elle*, a quem muitas pretendiam, decoradas pelo nimbo da virgindade e pelo recato d'uma vida impolluta.

A Maria soluçava, procurando suster a torrente de maldições vasada sobre a sua cabeça; mas as ultimas phrases d'uma injusta injuria, incendiaram-lhe o sangue. Cheia de raiva impotente ergueu-se, appellando para a sua regeneração tantas vezes provada.

Para anniquilar o ciume fez alarde das perseguições dos outros, requestando a com propositos tentadores; mas ella, sobranceira a tudo, sent a-se reviver no amor d elle, vigorisando o seu affecto nos maus tratos e no supplicio constante de ser infamada por um passado, onde a precipitaram acontecimentos de que ella não tivera culpa. O retrahimento voluntario, o modo digno como recalcara sem uma queixa as referencias pouco generosas dos companheiros d'elle, davam a medida da sua honestidade, votando se a um isolamento perpetuo, ali na solidão do baldio, sem outras consolações que não fossem as raras caricias do seu João. Sempre infeliz até em não terem d'aquelle enlace um filho, um cuja ternura diluisse os alquebramentos do abandono.

Pois bem; era demais.

Antes expulsa para ir chumbar aos pés a grilheta da infamia, do que essa eterna expiação de involuntarias faltas.

Antes a morte que encontraria no suicidio, ou melhor no ciume do João, que agora açulava, insistindo no poder suggestivo de angariar sympathias e fomentar desejos.

Como a colera lhe trouxesse assomos de vertigem, deu largas á linguagem libertina de antiga collareja.

O echo das injurias crueis retinia-lhe nos ouvidos, incitando-a a desafogos energicos. O João mediu-a torvo, extranhando-lhe a rebeldia. Ella então, prescrutando-lhe no rosto uma expressão terrivel, atirou-lhe uma ultima provocação, dispondo-se a terminar de vez com a suspeita feroz que a perseguia sem tregoas.

— Antes a vida airada que este supplicio constante — E dispondo-se a sahir approximaram-se.

Elle escumou de raiva. Bastou um segundo para lampejar o aço frio d'uma navalha; no enlace brutal ouviu-se um grito de dôr seguido d'um soluço onde palpitou na revolta da virtude vilipendiada, toda a clemencia do amor: — Perdôo-te, João.



— Emquanto elle fugia espavorido da ferocidade do crime, o rachão da chaminé desfeito n'um brazido enorme projectava uma claridade tragica sobre o rosto de Maria, em cuja immobilidade marmorea a morte punha a expressão venturosa d'uma tranquillidade sem fim.

De madrugada, os ganhões, chegando ao *monte*, depararam com o cadaver de Maria estirado no chão, na attitude pacifica de quem dorme, o olhar innevoado pelo beijo frio da morte. Surprehendidos e suspeitando a causa do assassinato deliberaram partir para a villa em busca da authoridade.

O dia alvoreceu tristonho. Uma neblina plumbea formava um veu denso, obscurecendo a campina. Na solidão do casal deserto, só se ouvia um rafeiro uivando sinistramente.

Passaram horas com uma lentidão melancholica. Afinal pela estrada da villa, subiu um grupo de mulheres, á frente do qual, depois de apeados das eguas que um ganhão ficou segurando junto do poço, sobresahiam a figura do medico sacudido e lesto, o Pina, juiz de paz, d'oculos de azilha, salientes n'uma cara de pergaminho rugosa e glabra, e um escriba de face macilenta, olhos vesgos, o pescoço esguio, abafado n'uma alta gravata preta.

Os tres entraram no *monte*, sustando a curiosidade das mulheres, pelo gesto commandatario do Pina, intimando-as a sentarem-se no poial de pedra alinhado com a parede da casa.

Dentro o medico verificou o obito.

D'uma caixa que o escriba lhe passou, tirou as ferramentas proprias para a autopsia. N'uma despreocupação habitual de indifferença começou a retalhar as carnes. Depois de um longo trabalho investigador dictou, de vagar e a meia voz, o relatorio, que o escriba trasladava, garatujando n'uma larga folha de papel, emquanto elle cosia os tecidos incisos com uma grande agulha curva.

No entanto o Pina mandou uma das mulheres ao casal proximo, em cata d'um almocreve que trouxesse uma carreta para transportar o cadaver até á villa.

Quando o carro chegou, o recoveiro foi atapetar-lhe o *leito* com ramos de piorno colhidos nas proximidades do poço.

Então as mulheres entraram no *monte*. Olhando a pobre Maria do Ceu, ainda formosa, no desalinho em que o medico a deixara, sentiram se avergadas ao peso d'uma dôr pungente, que as obrigou a um recolhimento piedoso, emquanto dos olhos lhes corriam lagrimas sentidas, pelas faces, onde se não apagara o viço da mocidade.

Diffundia-se por todas ellas um grande sentimento piedoso. No intimo da consciencia tambem havia culpas não remidas ainda; faltas derivadas das tentações do desejo, passos falsos na senda do dever produzidos pelo antegosto da seducção, ninho de promessas, para além do qual se abre o abysmo dos desenganos. Conheciam bem a suggestão das palavras doces ditas a meia voz no tom caricioso das confidencias amorosas.

Todas tinham soffrido das garras do prazer, entregando os corpos abandonados ás tantalisações da luxuria. Que fracas resistencias as suas, ao ar livre, entre as searas viridentes, ou em plena natureza, embriagados os sentidos pelo entontecimento dos perfumes acres dos estivaes, connubios fugazes, saudosos pelo cantico das aves e pelo zumbido das abelhas...

Ah! quantas leviandades não lhes pezavam agora, como um rebate de tardio remorso, estimulando mais o impulso compassivo para com a antiga companheira, a mais louçã, a mais formosa de todas ellas.

Carinhosamente achegaram-lhe a roupa; e como a camisa não cingisse bem o collo, a Garrida cobriu-lh'o com uma saia branca que tirou.

Com um cuidado materno, velando o instincto amoravel da mulher, ergueram-n'a para a carreta. Uma d'ellas foi dentro da casa buscar uma almofada, sobre a qual assentou a nuca do cadaver.

A' frente, os tres seguiram a caminho do poço, á busca das eguas em que tinham vindo. O almocreve adeante das mulas que tiravam a carreta, segurou as arriatas, atirando com as pontas para cima dos hombros. O carro poz-se em marcha. As mulheres entraram no *monte*, d'onde voltaram trazendo cada uma um candieiro acceso; atabafaram a cabeça com os chailes negros e seguiram pela estrada atraz do carro que descia lentamente.

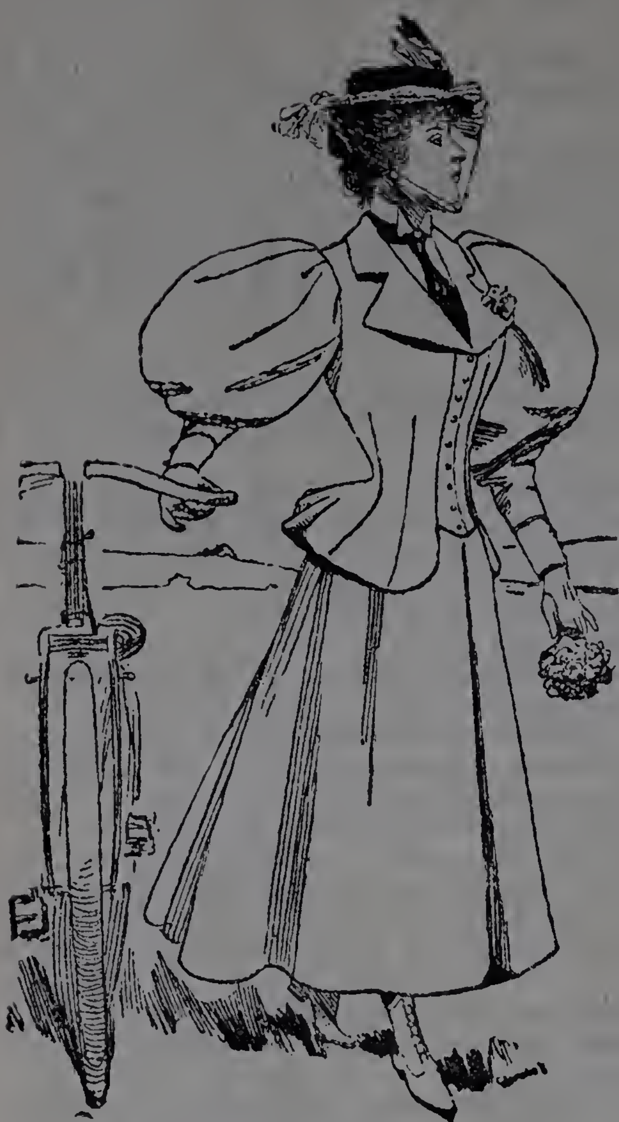
A neblina era cada vez mais densa; no meio da cerreção, as luzes, perdendo-se, similhavam pirilampos ariscando a obscuridade; o ceu plumbeo e baixo parecia um grande veu estendido sobre a terra.

Começou a cair uma chuva miuda que encheu os beiraes do telhado do *monte* de gotas crystallinas como um derradeiro adeus feito de saudosas lagrimas. O casal deserto ficara silencioso e triste; só no estabulo proximo o rafeiro continuava uivando sinistramente...

Do livro *Horas Mortas*.

EDUARDO PIM NTA.

CYCLISMO



Há uns annos para cá produziu-se um reviramento nas ideias a respeito da educação. Ao silencio e á immobilidade imposta durante longas horas d'ociosidade, succedeu a practica dos exercicios do corpo : gymnastica, esgrima, natação, etc., etc. A educação physica caminha de par com a instrucção.

Este movimento teve principalmente a sua influencia entre as mulheres. As damas perguntaram com justa razão porque razão os *sports* haviam de ficar sendo o apanagio dos homens ou de alguns privilegiados. A questão foi depressa resolvida e em pouco tempo o numero dos *sportsmen* centuplicou. Hoje a mulher cyclista está já espalhada em todo o mnndo e não se torna já um motivo para espanto, mesmo nas aldeias onde a educação está mais primitiva.

A recente eleição presidencial dos Estados Unidos foi assignalada por todas as especies de innovações, levando até á perfeição a arte do reclame e da propaganda. Houve interminaveis procissões, *meetings* monstros, *marches-aux-flambeaux*, apotheoses luminosas, transways fulgurantes, comboios especiaes transportando os candidatos aos quatro cantos do immenso territorio, n'um resplendor de luz electrica.

O cyclismo não podia deixar de tomar parte n'estas manifestações innovadoras, pois que é a innovação por excellencia.

Mas não foi sobre um difficil monocyclo, o corcel d'aço, que os cyclistas dos Estados-Unidos se dirigiram para os pontos de reunião. Acharam coisa melhor e construiram um tricyclo monstro. Eis a descripção d'esse monumental vehiculo :

Cinco metros de comprido, pezando mil e cem kilogrammas, em ordem de marcha, a poderosa machina levava oito homens que eram, elles mesmos, os motores. A roda da frente tinha 1 metro e 80 de diametro, e as duas rodas motoras, independentes, 3 metros e 30 cada uma ; estas rodas motoras eram postas em movimento por oito cavalleiros.

E que pneumaticos ! O da roda dianteira tinha 275 millimetros de diametro, os das rodas motoras 450 millimetros de diametro, uma e outra doze millimetros de espessura na circumferencia media.

Escusado é dizer que este elephante era, primeiro do que tudo, um objecto de viva curiosidade.

Fez longos percursos : o primeiro foi de Boston a Brokton, no Massachusetts, uma distancia de quarenta kilometros. Depois, a pesada machina foi de Boston a Concordia, no New-Hampshire, — duzentos kilometros de caminho. Este vehiculo provocava na sua passagem uma viva e sympathica curiosidade e manobrou no meio das multidões de manifestantes, durante o periodo eleitoral, sem esmagar ninguem !



EM BELLAS — O Pomar da Chave

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



NO CLAUSTRO DE CHELLAS — (Quadro de A. Ramalho)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 38

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 38 | Lisboa, 20 de Dezembro de 1896 | 1.º ANNO

Viagens no Paiz

(XIV)

MONSÃO

(Conclusão



MONSÃO — Posto fiscal da Torre

A elle deveram as suas muralhas e castellos Caminha, Cerveira, Valença e Melgaço, villas fortificadas outr'ora, que se vão escalonando pelo rio Minho, a uma distancia médea umas das outras de 11 kilometros approximadamente, sendo este systema de defeza da raia completado com fortins e castellos, como o de Lapella, por exemplo, que ficavam internados.

Comprehendida assim a defeza primitiva do reino, é facil explicar porque foi que D. Affonso III fundou em 1260 a villa de *Monçon*, tornando-a senhorio da corôa, concedendo-lhe foral, com muitos privilegios, e fazendo para alli convergir os habitantes das antigas villas de Bodim e de Pena da Rainha, que foram extinctos, e do logar de Côrtes, ainda hoje chamado Monsão-o-Velho, onde talvez existisse o primitivo nucleo dos povoadores de *Monçon* de D. Affonso III. Era a facil passagem nos vaus do rio que se queria vigiar, e, em caso de guerra, defender.

Senhorio, portanto, da corôa, Monsão assim se conservou até D. João I, que a cedeu a Lopo Fernandes Pacheco, para logo a resgatar por 1:500 libras.

Depois d'este curto interregno, pretendeu D. Affonso V doal-a ao conde de Ourem, depois marquez de Valença, D. Affonso, filho primogenito do duque de Bragança; mas a villa sustentou as suas regalias e não lhe acceitou o senhorio, até que D. João II deu razão ao povo, com aquella celebre phrase dita ao marquez que, apontando o exemplo de submissão de Valença, se queixára dos de Monsão : — «Valença é femea, disse el-rei, *Monçon* é macho,» — e incorporou-o definitivamente nos dominios da corôa, dando-lhe o titulo de muito nobre e leal, e privilegios importantissimos, taes como o de nunca mais poder sahir do senhorio real, e de gozarem os seus cavalleiros das honras de infanções e os seus peões a de cavalleiros, premiando assim o procedimento dos conterraneos de Deu-la-Deu.

Além d'estas razões para negarmos á villa de Monsão maior antiguidade — e nem precisa d'essas honras a gloriosa villa — fundamo-nos na inspecção dos terrenos que a cercam.

A juzante e a montante do rio e para o sul, o terreno é, como já fizemos notar ao leitor, de sedimento.

Ora, se, como se affirma, alli tivesse existido uma grande povoação, as camadas de sedimento teriam sido deslocadas, pelas construcções, do seu parallelismo primitivo, e todas as escavações recentes mostram que o não foram.

Os edificios mais antigos da villa são, incluindo a matriz, coevos de D. Affonso III, ou pouco posteriores.

As muralhas, que primitivamente cercavam a villa, então de muito menor dimensão, datam de D. Diniz, tendo sido mais tarde ampliadas por D. João I.



VISTA DO RIO MINHO, tirada do castello de Salvatierra (Galliza)

Então a villa não passáva muito além da matriz, indo quasi até á actual praça de Deu-la-Deu, onde as muralhas passavam.

Depois do cerco de 1658, que reduziu a villa a um montão de ruinas, é que ella se estendeu para o poente, abrangendo as actuaes praças de Deu-la-Deu e de D. Pedro V, e se construiram as fortificações modernas e separaram, modificando-as, as antigas, ficando considerada como praça de guerra equiparada á de Valença.

*

São notaveis na nossa historia militar os dois cercos de Monsão, terminados sempre, senão com a victoria, pelo menos com honra excepcional para os monsanenses, attestando a importancia militar da praça e o subido valor dos seus habitantes.

No primeiro, em tempo do nosso formoso e fraco D. Fernando I, distinguiu-se a Deu-la-Deu Martins, que, posteriormente, deu brazão á villa.

Era, a esse tempo, Deu-la Deu mulher do capitão-mór de Monsão, Vasco Gomes d'Abreu.

Como o marido estivesse ausente da praça, quando o cerco começou, a corajosa capitã-mór tomou o commando da praça, substituindo-o na organisação da defeza, provendo á subsistencia da villa e franqueando ao povo e aos soldados os seus celleiros.



MARGENS DO MINHO — Vista tirada do alto das muralhas de Monsão

Os castelhanos empenharam-se em fazer render a praça, mas a coragem dos moradores fêl-os desistir do intento. A' fome recorreram, mas após quatro mezes de cerco, por felicidade dos sitiados, se os generos não abundavam entre estes, tambem entre os sitiantes escasseavam.

Teve conhecimento d'esta situação a Deu-la-deu, e veiu-lhe uma inspiração genial.

Com o ultimo trigo que tinha em casa mandou fazer pão, e com elle ainda quente foi-se ás muralhas, deitando-o aos hespanhoes, ao mesmo passo que lhes dizia:

— «Quizestes-nos render pelas armas e não pudestes: tentaste-l-o pela fome e estamos mais fartos do que vós Ahi tendes e se quereis mais é só pedir por boca.» — Não quizeram ouvir mais os hespanhoes e levantaram o. cerco.

Monsão reconhecido á valorosa mulher, collocou-lhe o busto no brazão de armas, que representa em campo branco, uma mulher cuja parte superior assoma do alto de uma torre, tendo um pão em cada mão, e á volta a egenda:

Deus a deu-Deus o ha dado

*

Egual coragem — as mulheres são o diabo — mostrou em 1643 a condessa de Castello Melhor D. Marianna d'Alencastre, a qual pela sua decisão salvou o marido na batalha por este dada aos castelhanos, junto aos muros de Salvaterra, que estes pretendiam reconquistar aos portuguezes, fazendo estabelecer na margem do rio visinho uma bateria de artilheria, com a qual varejou os castelhanos, fazendo-os retirar com grandes perdas.

*

Veio depois o memoravel cerco de 1658 em que os hespanhoes commandados por Pantoja, só pela fome e com honrosissima capitulação a poderam tomar.

Ahi não foram só as mulheres que se distinguiram pela sua coragem e ardor em combater os inimigos da patria: até os doentes deram o seu contingente, porque entradas uma vez as portas da villa, e invadido o hospital pelos soldados hespanhoes, aquelles se levantaram dos leitos e alli acabaram com gloria matando muitos dos assaltantes.

Acceite finalmente a capitulação da villa viu Pantoja e o exercito hespanhol sahir as portas da praça, tambores á frente e bandeiras desfraldadas, 236 homens, com aspecto de cadaveres, dos 2.000 que guarneceram a villa.

Pantoja espantado de tanto valor, voltou-se para os seus dizendo-lhes que aprendessem d'aquelles bravos como se defendia uma praça que el-rei lhes confiou, accrescentando. «Si el gran leon d'España tuvese muchos leones de estes seria señor de todo el mundo.»

*

Em 1808 era commandante das armas de Monsão o general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º conde de Amarante o qual dotou as thermas de Monsão com o unico edificio de pedra que alli existe.

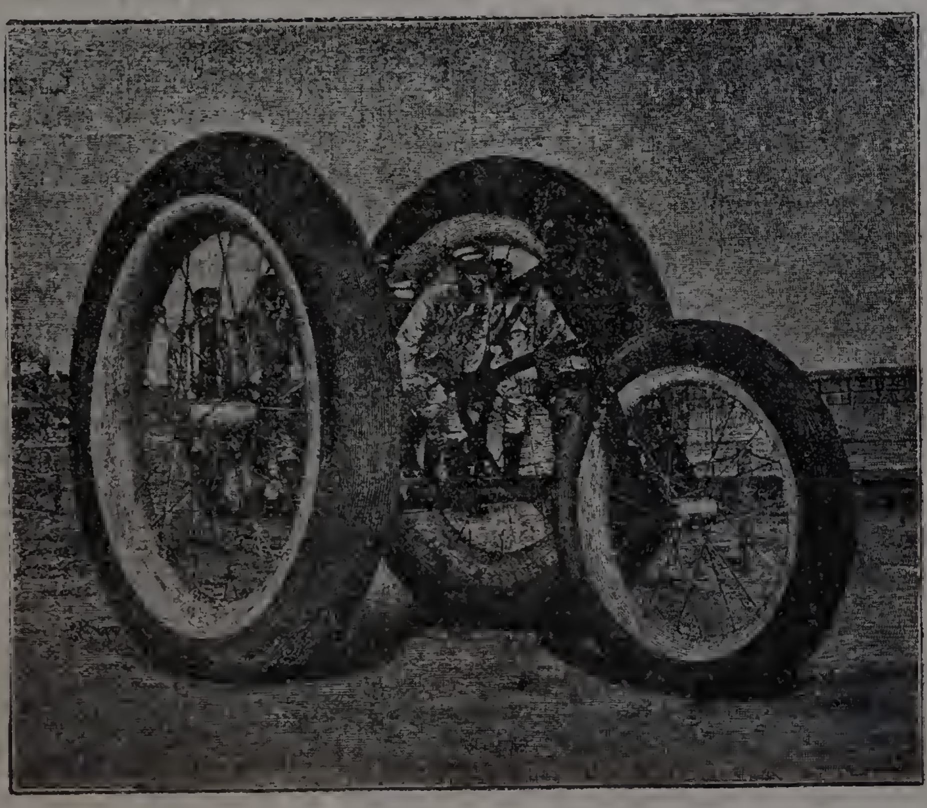
A este distinctissimo militar se deveu a defeza do rio Minho contra a invasão franceza, que os generaes d'aquella nação tentaram por alli sem resultado, tendo de a effectuar por Traz-os-Montes.

Ainda hoje, nas diversas propriedades limitrophes ao rio Minho, é frequente encontrarem-se abrigos, fortins e fortificações provisorias mandadas fazer por aquelle general, para obstar á marcha das hostes napoleonicas.

Faz bem recordar hoje, que vão esbatidas e quasi obliteradas as tradições e virtudes civicas, o heroismo de outras eras e os exemplos que os nossos maiores nos legaram.

João SECCO.

O Tricyclo Eleitoral Gigante dos Estados-Unidos



(Já descripto no nosso numero passado, no artigo *Cyclismo)*

A NOSSA ALDEIA



Está a gente, por aqui, muito quietinha nos seus lares, longe do mundo, e, quando a mala-posta todas as manhãs acorda os melros da deveza com o clangor alegre da sua corneta, logo á Aldeia chegam caras de gente extranha — senhoras de cauda e senhores de binoculo, forasteiros que andam em digressões de gente rica... Surprehendidos, os nossos olhos ficam-se a olhar a maravilha d'aquellas sedas fidalgas, que só as vimos eguaes no manto azul da Senhora das Dores...

Sejam bemvindos á nossa Aldeia, senhores fidalgos da cidade! Sejam bemvindos!... Mas hajam de perdoar. Porque, olhem: — isto por cá está tudo ainda com a mesma demão que Nosso Senhor lhe deu. As arvores um pouco mais crescidas, é certo; o povo cada vez mais crente... Mas, de resto, as mesmas montanhas agrestes, o mesmo campo a pedir agua ao portal do vizinho, cães a uivarem de noite, sinos em côro a annunciar enterros, e, lá de longe a longe, por festa, a viola do tanoeiro a cantar ao postigo da noiva...

O nosso vigario é ainda, como vêdes, aquelle mesmo velhinho, do anno passado, aquelle mesmo, corcovado, a gemer, que vae cada madrugada, quer de verão, quer de inverno, dizer a sua missa e ensinar doutrina aos pequenos do logar. Quem está talvez mais mudado é o seu livro de rezas, pobre d'elle, a desfolhar-se! Tão pouco serviço tem elle feito, o desgraçado! Já não tem principio nem fim. E, se não fosse nossa ainda a alma do Vigario, ninguem da Aldeia se lembraria do que havia escripto n'essas duas paginas que lhe faltam.. Mas, como a sua alma vive e é de toda a nossa Aldeia — porque nem Deus nem os homens tiveram ainda coração para a arrancar do abrigo dos nossos affectos — o *Breviario* do velhinho por cá se vae conservando novo em folha, como se viesse agora mesmo das mãos do Senhor...

Está mais rouca a voz do sino, não ouvís?... E' de tanto chorar! Foi todo um anno de mortes... Parecia uma liquidação, um castigo de Deus! — Andou por ahi uma peste malina que dizimou casaes inteiros, familias, desde o avô até ao neto. E, como se o braço de Deus não fosse bastante para derrubar gente, houve até quem fosse entregar-se ao braço d'uma carvalha e n'elle se deixasse enforcar! Mas o nosso Vigario — Deus lh'o agradecerá um dia, certamente — não teve alma de o deixar insepulto, sem o auxilio da egreja; e lá foi, tal qual como aos outros, a acompanhar-lhe o cadaver e a pedir a Deus misericordia para a sua alma. Porque — deveis reparar, senhores fidalgos da cidade — os presbiteros simples das nossas aldeias não sabem tanto latim como os senhores priores das vossas cathedraes. Estudam o bastante para falar com Deus, e ignoram de todo a trama casuistica d'essas discussões theologicas, que em roda do cadaver d'um suicida, se costuma urdir. E' por isso que elles, como toda a gente cá pelas nossas terras, sabendo que é uma obra de misericordia enterrar os mortos, os vão sepultando a todos em sagrado, justos e peccadores, não cuidando de averiguar se foi a morte que os foi buscar ao leito por designios do Ceu, se foram elles que se fizeram encontrados com a morte, allucinadamente, n'um desespero que só a morte allivia.

Os suicidas são cadaveres como os mais, pois não são? A cova é o unico bem de raiz, cujo dominio directo todos nós temos. E mal parece que um Vigario do Senhor, solto dos regalos do mundo, com os olhos levantados para a corôa de quem tudo perdoou, ande pela terra a negar aos mendigos da morte a unica coisa que elles pedem para abrigar as suas desesperanças — um cobertor de terra.

Lá nas vossas cidades, emfim, oiço dizer que até a cova se paga. Louvado seja o Senhor!... Mas, por cá, na communhão d'esta primitiva paz tão carinhosa e tão desinteressada, o cemiterio é um morgadio de toda a gente, pobres e remediados.

*

Vinde ver a nossa Aldeia, senhores fidalgos, vinde vel-a.

Olhae: — cheira a alfazema por toda ella. São as velhinhas cá da terra que a estão queimando para esconjurar o demonio.

Sorrides-vos da sua simplicidade?... Nem admira, porque tenho lido nas gazetas que lá pelas vossas cidades é o demonio um dos senhores mais considerados, de mais respeito na vossa roda — que janta a vossa meza, que toma parte nas vossas festas, que é emfim um familiar de toda a vossa vida. E' pela sua arte, segundo contam, que todos os vossos negocios tomam bom caminho, que as vossas filhas casam, que a vossa fazenda cresce... Mas, cá,

está isto ainda muito antigo. O demonio é, para a alma d'esta pobre gente, o mesmo espirito tentador que desflora a virgindade, põe uma mancheia de lama na honra, secca as nascentes, e uiva pela voz dos cães de quinta quando morre alguma pessoa de estima... Por isso ainda se incensam as casas de alfazema para o esconjurar, e toda a gente se empenha — embora ingenuamente, como vós pensaes — em vel-o bem longe do seu beirado.

E' verdade que, a par da nossa alfazema ingenua, não temos bispos nem cardeaes que o reprimam com um aceno do seu baculo. Mas temos — e isso nos compensa — o bordão-de-pastor do nosso Vigario, que anda sempre ao lado de nós, vigoroso e lesto. Está velhinho, o Vigario? Bem velho, na verdade! Mas o seu bordão-de-pastor floresce a cada anno com ramas novas e enrija tanto mais, quanto mais o velhinho derreia!

Esse bordão tem uma lenda piedosa. Foi Jesus quem o confiou certo dia ás mãos d'um seu vigario na terra, e lhe disse assim:

— «Leva esse bordão. As flores que elle bota cada anno bastam para perfumar toda a tua vida. Rega-o com orações, e verás como elle floresce a cada primavera!...»

E assim foi. Esse bordão-de pastor é a crença.

*

Mas agora reparo que estou falando a senhores finos, que vêm passeiar á minha Aldeia, e aqui os estou prendendo com historias que não valem um pó das novellas dos seus salões. Não têm senão que perdoar, senhores fidalgos... A gente do campo tem este feitio selvagem de taramelar por qualquer coisa, e não ha conselhos nem conselheiros que lhe amaciem esse geito rude e a façam reservada, como vós outros.

Sim, lá pelos vossos palacios, lá pelas vossas familias, ha segredos intimos que não respiram para fóra dos portões e que ás vezes morrem no silencio das alcovas. São, as mais das vezes, amarguras, grandes desgraças de familia, tragedias — um filho que joga o patrimonio, uma mulher casada que transvia por atalhos, a deshonra d'uma filha... E vós tendes a diplomacia bastante para calar as vossas desventuras e não permittir que o vizinho saiba das ruinas que vão nas vossas casas e nas vossas almas.

Mas, por aqui, anda tudo alumiado pelo sol de Deus. Chagas e flores vem tudo á luz do dia; nada vive occulto. As plantas querem sol. E' por isso que, muitas vezes, os nossos segredos — que raros são os que temos — vêm até á lingua dos soalheiros, e ahi se lhe fazem autopsias solemnes. Quasi sempre o cochichar d'estes soalheiros vale bem pelo veredictum d'um jury. — Um filho insultou seu pae? A Aldeia escorraça-o. Um criado praguejou contra o patrão que o estima? A Aldeia reprehende-o e põe lhe na cara a sua feia acção. Um assassino anavalhou um innocente a uma esquina? A Aldeia vae procurar assassino e navalha e leva tudo a casa do regedor.

Nem leis nem auctoridades! Os codigos são a alma da gente, meus senhores da cidade!

*

Alli vae aquelle velhinho, que, pelos seus oitenta annos do mundo, sabe mais d'elle do que todos os philosophos das vossas academias. Com dois principios só, o amor e a caridade, é o nosso juiz e o nosso defensor. Não saberá de operações bancarias, de altos jogo de bolsa, nem de outras coisas que vos são familiares. Mas perguntae lhe como se enxerta um galho, como se cura umas maleitas, como se pede dispensas de proclamas para um casamento, como se requer á senhora Junta para minar agua n'um baldio, e elle vol-o dirá, francamente, sem estender a mão a pagas nem a agradecimentos. — E' o nosso livro-aberto. Desde os francezes até agora, não ha em toda a historia portugueza um acontecimento, por somenos que seja, que elle desconheça e cuja philosophia não tenha. Resume-se n'esta sentença piedosa a sua critica historica: — o mundo é um Val-de-Lagrimas.

E' ingenuo, é simples, direis vós. Mas é sincero e verdadeiro o seu juizo sobre a conducta dos homens. Serve nos mais a sua experiencia velha, do que o milhar de volumes que as vossas elevadas philosophias enchumaçam de sentenças. A sciencia da alma humana não se encaderna n'um volume; a sua bibliotheca é a alma de cada qual

Cá, pelos nossos rudes logares, para que uma pessoa adquira fóros de homem, o baptismo das primeiras lettras lhe basta. Depois, a enxada, o alvião, a rabiça do arado, são o curso superior dos nossos estudos. O nosso Direito é a inclinação natural das nossas almas; a nossa jurisprudencia é o simples decalogo da religião de Jesus; a nossa philosophia é a rendição passiva aos designios do Rei-dos-Reis.

Do mais, sciencias, artes, politicas impertinentes, a gazeta do senhor Vigario fala d'isso tudo, ás tardes, nos conciliabulos do adro, quando alli nos ajuntamos em parlamento para nos rirmos do mundo. A febre dos sonhos novos, do ideal, das conquistas temerarias para arrebatar o fogo do Ceu, reduz-se na nossa alma, á aspiração tranquilla de morrer n'uma enxerga limpa, coroado de olhares amigos. Não temos Poetas a arder em febre, não temos artistas desalentados e arrastados por chimeras enganosas. Mas temos o coração doce dos troveiros da Aldeia — sachadores, romeiros, devotos, e todo um bando de peregrinos do Luar — que vão urdindo os seus ingenuos poemas á roda d'uma gruta encantada, d'uma arvore sem folhas, d'um gracioso oiteiro, d'uns olhos namorados. E é com a viola grosseira dos nossos tangedores — attentae bem n'isto, senhores fidalgos da cidade — que os vossos altos Poetas vêm afinar as liras de ébano, para que os seus poemas cheirem ao feno dos prados e á madresilva dos caminhos velhos. E' na paleta vasta das nossas paizagens, meigas, carinhosas, d'uma verde-esperança que nenhum outomno esmaece, que os vossos Pintores vêm molhar o seu pincel para debuxar as telas eternas. — E é assim, só assim, que a immortalidade lhes acena de longe; é assim que a gloria os diadema de corôas!

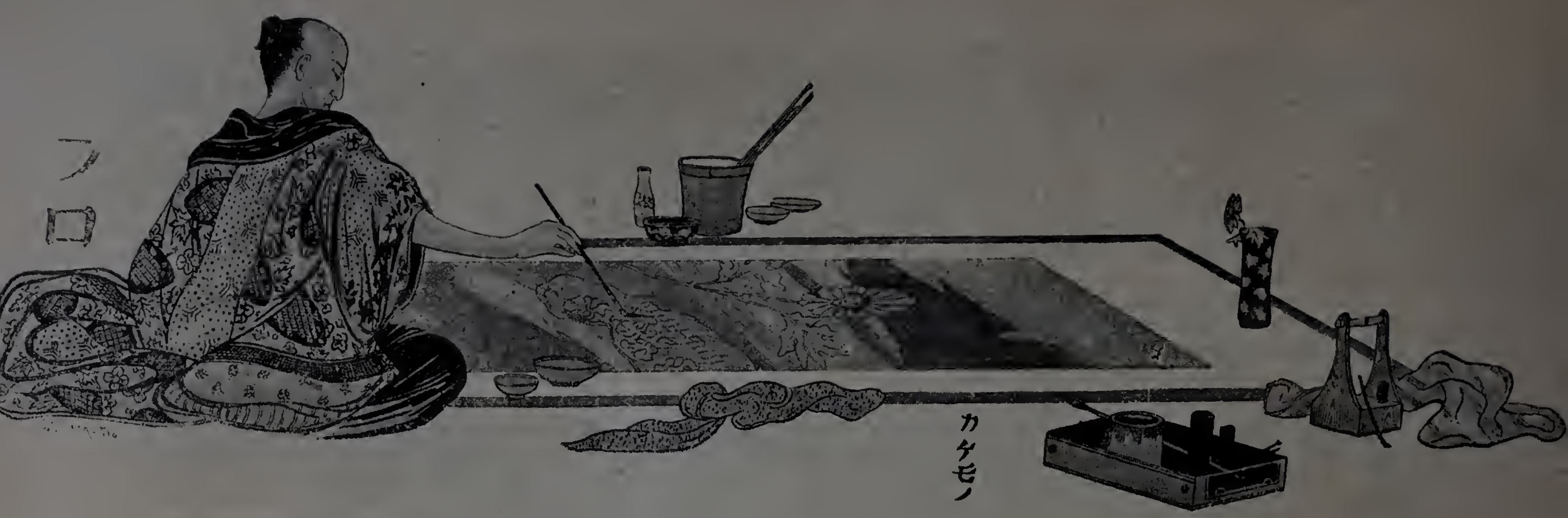
*

E eis a nossa Aldeia, senhores fidalgos; eil-a nua, a vossos olhos, com a nudez innocente das creanças colleirinhas que não sabem o que é o mal. Innundada de Sol e Luar, vêde-a ajoelhada n'uma adoração perpetua diante de Deus! Cada lareira é um altar; e essa egreja velha que alli vedes, entre arvores antigas, abrigada do vento sul, não é mais do que o resumo pittoresco d'essas tantas outras egrejas que se abrem a-dentro de cada casal.

Tirae o vosso chapeu; descalçae as vossas sandalias; beijae as nossas arvores desgrenhadas; aspergi-vos da agua viva das nossas fontes; e podeis entrar, senhores grandes da cidade, podeis entrar e commungar a nossa vida religiosa!



Adolpho PORTELLA.



O ORIENTE

MACAU

Tudo o que nos traz esse perfume singular e mysterioso do Oriente tem o poder de evocar em nós uma boa sensação de alegre vida a um claro sol, n'um retalho de paysagem sempre fresca e sempre verde, com aguas a cantar. *Sentimos* essas coisas que estão tão longe, identificamo-nos com ellas e com ellas vivemos essa vida curta de Sonho, que é formada pelo nosso fundo de affectividade morbida e dolente de viajeiros e bohemios que se vissem de repente separados da outra gente e dos outros costumes por uma barreira insuperavel. Isto, porém, não tira que, quietos, nos deixemos levar a outras bandas, na aza d'oiro da chymera, como bons filhos d'este céo azul que acaricia e que desfolha rosas sobre nós.

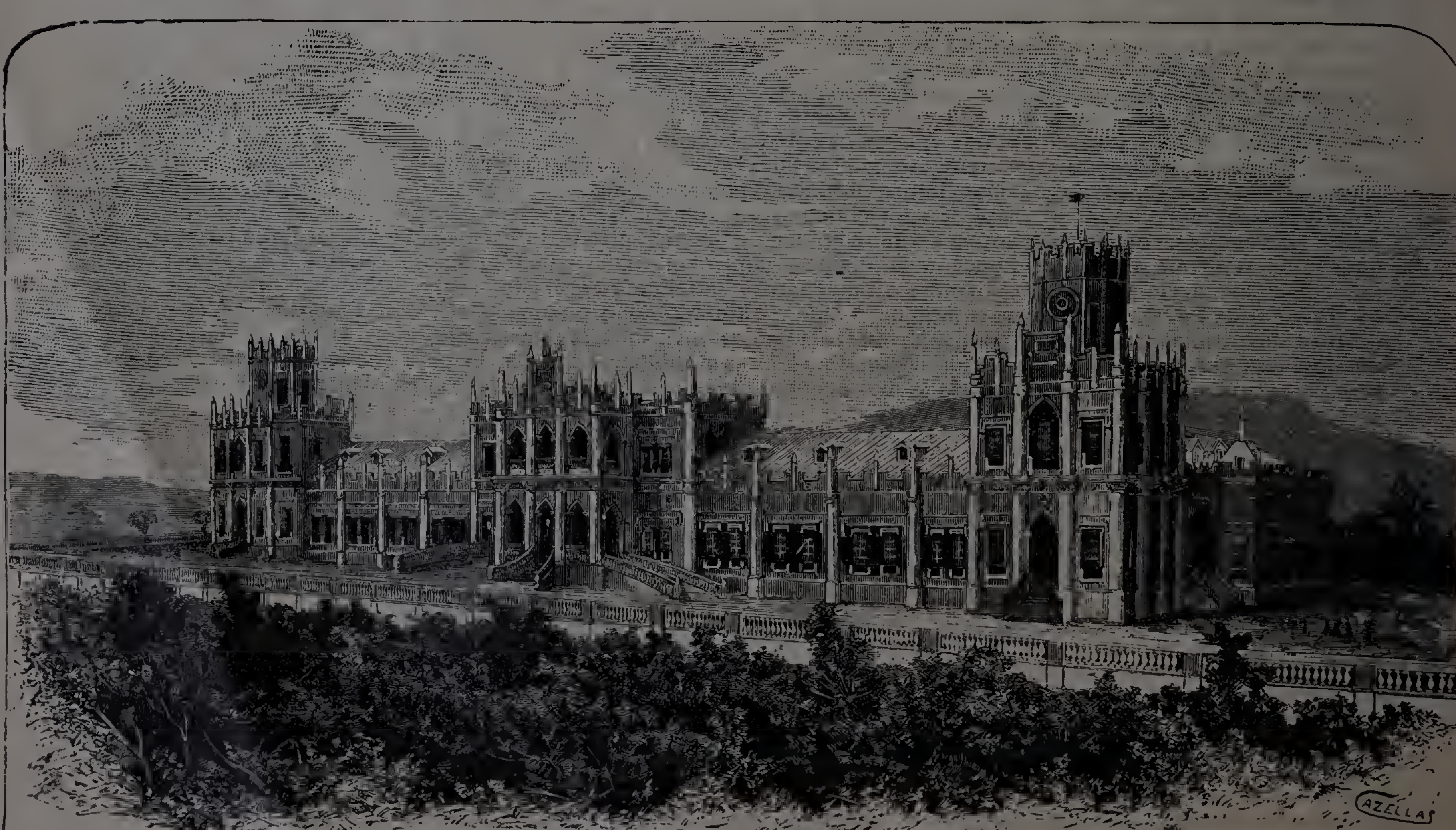
Isto a proposito das *Jornadas pelo mundo* do conde de Arnoso *(Bernardo Pindella)*, um livro encantador e luminoso que nos falla d'essa impenetravel e silenciosa China, tão cheia de coisas imprevistas, tão typica, tão atrazada e por isso mesmo tão curiosa, onde ha, para quem saiba vêr, uma tão subtil e colorida analyse a fazer. E' realmente de tentar este passeio ao paiz dos amarellos; e Bernardo Pindella, com raras qualidades de colorista, d'elle nos trouxe um pedaço delicioso, claro e aromal como um bosque de tamarindos. D'essa abalada para as terras do Sol sairam bellas paginas de prosa, vibrantes, de uma côr quente e effusiva, cheia de scintillações, onde perpassa por vezes o lampejo de uma emoção, de uma saudade, de alguma coisa que se perdeu para sempre. O espirito subtilissimo e fidalgo de Bernardo Pindella, soube tirar as mais imperceptiveis *nuances* do que viu, dar-lhe um toque de alto requinte, n'uma linguagem perfumada, elegante, simples. E' mais difficil isto, porque não tem enfeites para encobrir muitas vezes uma falta de ideias.

De resto, uma paysagem clara, pespontada de mandarins extranhos, de alacres sêdas, de kiosques pintalgados e de pagodes mysteriosos, dá sempre margem a um artista meridional que tenha a facilidade de contar tal como vê, a poderem-se dizer lindas coisas, sem as ir procurar á Imaginação, porque ellas já de si nos dão a nota côr de rosa de uma existencia sonhada, entrevista n'uma esperança — castellos que se formam n'uma hora de esquecimento.

Das *Jornadas pelo mundo* que são, n'este ponto, o livro de viagens que nos traduz melhor a impressão sentida, doce impressão, como a que se tem a um pôr de sol que morre n'uma gloria d'oiro, recortamos um bello trecho sobre a cidade de Macau.

José SARMENTO.

Encontrar terra portugueza, a mais de 3:600 leguas de distancia da nossa querida patria, é tamanha ventura, que os cinco dias que estivemos em Macau contarão na nossa vida como para o caminhante no deserto contam as



O HOSPITAL S. JANUARIO EM MACAU

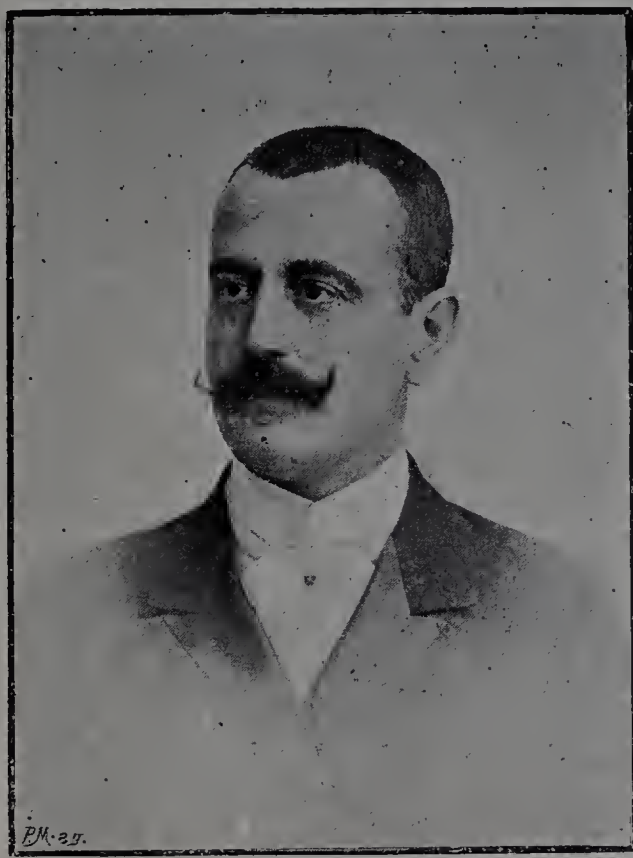
horas de descanço passadas á sombra bemfazeja das palmeiras d'um oásis. E o orgulho de ser portuguez parece crescer ainda quando, pisando aquella terra, volvemos os olhos para o passado e de memoria folheamos as paginas da nossa gloriosa historia.

Quarenta annos levou aos portuguezes, que de Malaca, capitaneados por Perestrello, aportaram a Sanciam, — onde morreu o santo Francisco Xavier — a estabelecerem-se definitivamente em Macau, tendo estado trinta e cinco annos em Liampo, hoje Ningpó, e em Thinchem. Vidas de abnegação, de perseverança, de sacrificios e de luctas as d'esses heroes, que em 1583 deram a Macau o primeiro municipio! *Leal Senado* lhe mandou chamar mais tarde el-rei D. João IV, e bem leal, que nunca, durante os sessenta annos de captiveiro, tremulou nos muros das suas fortalezas o leão de Castella. Sempre tão valorosos, que em 1622 derrotaram os hollandezes, destroçando as forças commandadas pelo almirante Roggers.

A peninsula de Macau, cercada de ilhas, pequena como é, com a sua varzea fertilissima e as suas seis collinas d'um relevo gracioso — Guia, Penha de França, Mong-ha, D. Maria e Gruta de Camões — é tudo quanto se possa imaginar de mais pittoresco. Quando d'aqui a alguns annos as 60:000 arvores, creadas e mandadas plantar por Thomaz Rosa, e que parecem vingadas, cobrirem com a sua sombra aquellas encostas, Macau será um verdadeiro paraiso e a concorridissima estação de verão do extremo oriente. Já agora os habitantes de Hong-Kong procuram, no clima natural de Macau, um refugio aos excessivos calores d'esta quadra. E' com verdadeiro prazer que um portuguez se encontra em Macau mesmo depois de ter visitado Aden, Colombo, Singapura, Saïgon e Hong-Kong, onde os inglezes e francezes, a peso d'ouro, teem creado estabelecimentos de primeira ordem. Nada nos envergonha.

O palacio do governo, comprado á familia Cercial, é um vasto edificio de bella apparencia. Durante algum tempo estiveram n'elle diversas repartições; mais tarde, durante a ultima administração todas se installaram, com grande commodidade para o serviço publico, no antigo palacio do governo, um optimo edificio tambem, e onde principalmente se admira a sala do tribunal, que era a antiga sala do throno do palacio. Quantas capitaes de districto na metropole invejariam este edificio para as suas repartições, e como todos desejariamos que o tribunal da Boa Hora se parecesse, de longe, com o tribunal de Macau! Ao lado fica o pequeno correio estabelecido tambem durante o governo de Thomaz Rosa. Até então era coisa que não havia na provincia! Toda a correspondencia se enviava, pelo vapor da carreira, ao correio de Hong-Kong. O quartel de S. Francisco, no extremo da praia grande, mandado edificar pelo benemerito governador Coelho do Amaral, espaçoso, bem arejado, em excellentes condições, é occupado pelo batalhão do regimento do ultramar destacado em Macau. Mais acima, no alto d'uma pequena collina, assenta o hospital S. Januario, magnifico e elegante estabelecimento que Macau deve, entre outras muitas coisas, á larga iniciativa do conde de S. Januario. A Sé e egrejas de S. Lourenço, S. Domingos, Santo Antonio, S. Lazaro, Santo Agostinho, Santa Clara, S. José teem o cunho essencialmente portuguez das grandes e alegres egrejas das nossas terras de provincia. A de S. Lazaro, situada n'um bairro de chinas christãos, é a mais antiga de todas.

Por isso quando um novo bispo toma posse é n'esta egreja que a ceremonia tem logar e não na Sé. Os chinas d'este bairro são os melhores de Macau; os que emigram, e raros são os que o não fazem, apenas adquirida uma pequena fortuna, apressam-se a voltar tratando de comprar o mais perto possivel da sua egreja uma casa ou terreno onde a possom edificar. Como lembram os emigrantes das laboriosas e felizes aldeias minhotas! Esse velho padrão da nossa fé, que ameaçava tombar em ruinas, foi salvo durante a administração de Thomaz Rosa. Inteiramente reconstruida, a egreja de S. Lazaro é a mais bonita e risonha de todas. Se não lhe tivessem valido estaria a esta hora abandonada como as ruinas de S. Paulo onde os jesuitas tinham o maior collegio do Oriente e que algum tempo occupado por um quartel foi mais tarde pasto das chammas. Hoje, na sua cerca, por onde passeiavam os doutos e virtuosos padres da Companhia, que tanta luz derramaram por este oriente fóra, vivem promiscuamente, n'um chiqueiro immundo, porcos e chinas miseraveis! O seminario de S. José é o unico estabelecimento de instrucção secundaria da provincia. [1] Esta casa de educação soffreu um grande golpe com a expulsão dos dois unicos professores estrangeiros, jesuitas que n'ella existiam. Foi o decreto de 1871 que, reorganisando o seminario de S José, prohibiu que n'elle professassem disciplinas padres estrangeiros. Esses dois unicos jesuitas, d'um grande saber, e que tão relevantes serviços tinham prestado á mocidade estudiosa de Macau, tiveram então de saír. Um é hoje professor em Melbourne; o outro tem a seu cargo em Roma, como redactor principal, a *Civittà catolica*. É triste vêr como um simples traço de penna póde ter tão funestos resultados. Não se imagina a differença que existe entre os macaístas que foram ainda discipulos d'esses dois padres, e aquelles que não puderam aproveitar das suas lições. Ao sexo feminino prestam hoje relevantes serviços as irmãs de caridade italianas estabelecidas em Macau. Além de receberem as orphãs e as educarem, as suas classes são frequentadas pelas filhas de macaístas e empregados da provincia. Ensinam tambem a lêr e a trabalhar as ceguinhas pobres. Não se calcula a quantidade de chinas, ou absolutamente cegos ou vendo tão pouco que os fórça a trazer oculos fixos, que por toda a parte se encontram.



CONDE DE ARNOSO

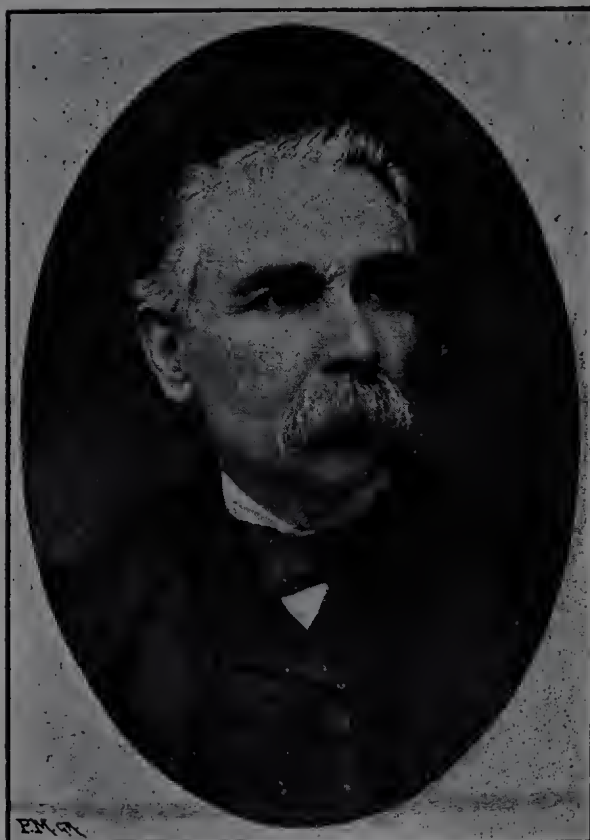
As irmãs italianas, apezar de abençoadas por todos, não estão livres tambem de ser expulsas um dia por algum ministro repentinamente atacado de *liberal jacobinismo*, formula estapafurdia e indigena muito do apreço de conspicuos conselheiros. O actual bispo de Macau, D. Antonio de Medeiros, não descura um momento, com o seu incansavel zelo, estes dois estabelecimentos de instrucção. Prelado d'uma illustração que eguala a sua virtude, não lhe serviu a purpura para descançar. Novo ainda, encontramol-o magro e pallido, mirrado pelas febres devoradoras de Timor, adquiridas na longa visita que ultimamente fez pelo interior d'aquella ilha ás missões por elle creadas. Durante algum tempo estivemos presos da sua palavra fluente, ouvindo-o discorrer com rara largueza de vistas e superior bom-senso sobre o estado actual e o futuro de Timor.

....

CONDE DE ARNOSO.

[1] Uma recente lei creou felizmente um lyceu em Macau que já está funccionando.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro



Antes de mais nada, uma pequena e veridica historia.

Um dia... — há quantos annos isto lá vái! — era em fins de setembro e numa pinturêsca aldeia, encravada nas serranias da Beira.

Dia assoalhado e frêsco, em plena actividade agricola. Chegava das eiras a monotona e triste cantilena dos malhadôres, que agitavam os manguaes na debulha das espigas:

— Bam... pó! e bam... pó!... —

Chiavam pelas canadas os carros que levavam aos lagares as dornas cheias de cachos; e, aquem e alem, pelos vinhaes da encosta, raparigas morenas e robustas, de perna roliça e nua, iam cantando, vindimando, e despejando os vindimos nas canastras, em quanto uão voltava a dorna.

Numa casa modesta da sertaneja povoação, festejava-se nêsse dia o 16.º anniversario do filho mais velho dos donos da casa, — um estudantito de latim, enlêvo e enthusiasmo dos seus progenitores. O pai trouxera-lhe da feira-franca de Viseu um chapéu nôvo, á patuleia, de copa dura e convexa e grande borla prêta, com sobarba. A mãi brindara-o com um gorgete bordado; e as irmans haviam-se encarregado de fazêr os bôlos e o arrôz dôce para o jantar.

No decurso porem da alegre refeição, o rapazito parecia triste e falava pouco. A' sobremêsa, provou uma fatia de requeijão e não quiz mais nada. O pai observou:

— Bem sei: querias andar na vinha da Barqueira com a gente da vindima, e ir com o lavradôr no carro da dorna...

— Não é isso, meu pai...

— Então para que estás para ahi macambúzio, com a fala no bucho, e nós todos satisfeitos?

— Precisava... O pai não se zanga! Precisava... doze vintens.

— Para a feira-franca?

— Não, senhôr. E' que o escrivão do juiz de paz, o vizinho Alexandrino, que é quem recebe e vende cá pelos sitios o *Almanach de Lembranças*, já lá tem doze exemplares, que lhe mandaram de Lisboa.

— E então?

— Desejava eu um exemplar.

— Manias! Tens ahi o *Manual Encyclopedico*, a *Princeza Magalona*, a *Confissão do marujo Vicente*, o *Testamento do gallo*..., não falando na grammatica que é o que mais importa, e ainda queres mais livros! Mas lá por isso não seja a duvida. Demais, fazes annos... Vai buscar o livro.

E deu-lhe uma moeda de doze vintens em prata.

Cinco minutos depois, o estudante estava com o livro ao pé dos pais e lia-lhes enthusiasmado, como se declamasse uma epopeia, a pagina 381 do *Almanach* de 1863: é que estava lendo a descripção, que elle proprio fizera, da sua querida aldeia.

O pai, vendo o nome do pequeno em letra redonda, deixou chegar aos olhos um clarão de prazer indizivel; e a mãi, não podendo conter duas lagrimas, aconselhou:

— Olha, filho, mostra isso ao senhor padre mestre... é nosso amigo... deve gostar...

O incipiente e ingenuo escrevedor correu a casa do padre Francisco. Era preciso que o seu triumpho não ficasse entre as quatro paredes da sua casa. A mãi adivinhára: o padre-mestre abraçou o discipulo, estimulando-o, em bom portuguez da Beira, mesclado de latins da *Biblia* e versos de Virgilio:

— *Macte nova virtute, puer*...

Era quasi uma loucura o contentamento do rapaz. Quiz lêr a sua obra a todos os vizinhos, mas, nessa tarde, todos elles moirejavam nas eiras ou nas vinhas, e teve que limitar-se aos applausos do mestre e da familia.

Não largou porém o livro, e, ás 8 horas, deitando-se na cama, continuou a relêr-se e a admirar-se. O que mais o deslumbrava era a assignatura em letra redonda: só imaginar que o seu nome, áquella hora, ia chegando a todos os rincões de Portugal e até na America havia de ser lido!... Seguramente, a immortalidade era delle!

O peor, ou antes, o melhor, é que o somno não chegava, e a luz do candieiro de tres bicos fazia de cada letra um tropheu, de cada virgula uma palma triumphal, de cada cedilha uma corôa de conquistador.

Em meio daquelle extase, chegou-lhe aos ouvidos um falarío que subia da loja: era a tagarelice dos lagareiros, que andavam na pisa da uva.

O rapaz teve uma ideia; precisava de publico, e o publico estava ali, a dois passos, por baixo do sobrado da sua cama.

Ergueu-se, vestiu-se, pegou no livro, enfiou o dedo indicador na argola do candieiro, chegou ao corredor, levantou o alçapão que dava para a loja, e começou a descer a escada.

Os lagareiros, emquanto pisavam a uva, iam jogando o *Martim Gravato*:

— Mentes tu!

— Pois quem foi?

— Foi o dono do saco.

— Mentes tu!

— Então quem foi?

— Foi o *Martim Gravato!*

— Pschiu! olha o filho do patrão.

— E' verdade: vem talvez ajudar-nos á pisa. Se o pai o sabe...

— Ná! traz um livro. Vem ler-nos alguma historia; já lhe ouvi ler a da *Princeza Magalona*, que faz choras as pedras.

— Não é isso, — disse o estudante, saltando alegremente a pia e firmando-se na bica do lagar. E, poisando o candieiro nas guardas, accrescentou:

— Aqui, neste livro, fala-se da nossa terra...
— Da nossa terra? oh!
E os lagareiros agruparam se á beira do recenvindo, cheios de curiosidade.
— Oiçam! oiçam! — pedia o estudante: — «A uma légua para o levante de Besteiros...» —
Concluida a leitura da pagina, em meio de religioso silencio, proseguiu:
— Agora você, Manuel Ruço, como andou na escola, veja aqui quem escreveu isto. —
O Ruço aproximou-se mais e soletrou lentamente:

A. Candido Pereira de Figueiredo,
(Lobão, concelho de Tondella)

— Então é o Antoninho! — exclamaram em côro.
— E' verdade, sou eu. —
Não se descreve o enthusiasmo sincero e franco, com que os rudes homens celebraram o que elles suppunham gloria para a sua terra.
— E seu pai já viu?...
— Pudera!
— Que fortuna de pai! —
O imberbe articulista, radiante de alegria, acceitou, como oiro de lei, aquella consagração da sua estreia, e julgou-se no apogeu da ventura, se não da celebridade. A candeia que bruxuleava, suspensa da vara do lagar, afigorou-se-lhe talvêz o sol da gloria, que o inundava de esplendôres e caricias.
Foi esse o dia mais lembrado e querido da sua vida literaria. O rapaz tornou-se homem, publicou trinta ou quarenta volumes, recebeu alguns titulos scientificos, foi amimado e lisonjeado por pontifices literarios... mas, nem os seus titulos, nem os seus livros, nem as saudações dos mestres, lhe produziram mais entranhado jubilo que os ingenuos applausos conquistados com o seu primeiro escrtpto.
Nunca se lhe desvaneceu a memoria de tão vivo jubilo; e como tal jubilo fôsse occasionado pela bondade extrema de Xavier Cordeiro, que na sua interessante encyclopediazinha deu cabida á primeira e desalinhada prosa do estudantito beirão, vem este agora, num momento de profundo pesar, render espontaneamente á querida memoria de Xavier Cordeiro as homenagens que lhe deve a mais crisolada gratidão e o mais perdurável affecto.

*

Abracei-o pela primeira vez, há vinte e cinco annos, na sua casa da rua da Cruz, onde o estudantito de latim, transmudado em estudante da universidade, pôde confirmar plenamente o conceito que de longe, lhe inspirava aquelle generoso e clarissimo espirito. Poucos annos depois, em 1875, como Teixeira de Vasconcellos me convidasse para redigir, com Urbano de Castro, Francisco Serra e Francisco Meirelles do Canto, o seu *Jornal da Noite*, cujos escriptorios na rua da Paz ficavam quasi á vista da casa de Xavier Cordeiro, tive repetidos ensejos de continuar a sentir e apreciar a sombra amiga e paternal de Xavier Cordeiro.
Aquella sua casa foi por algum tempo um cenáculo encantador, onde a poesia era thema tão constante, que pouco faltava para se conversar em verso. Castilho e seu filho Julio, Thomás Ribeiro, Santos Valente, D. Antonio da Costa, prodigalizaram os primores do seu espirito, recitando, conversando, discutindo... Tinham-me dito que, onde apparecesse Castilho, apparecia o remoque, a ironia, o tiro certeiro a poetastros ausentes e a desrespeitosos iconoclastas.
Apraz-me porém testificar que, tendo ouvido muita vez a palavra serena e conceituosa do venerando velho, nunca lhe escutei uma frase que, de qualquer maneira, ferisse ou melindrasse quem quer que fosse.
A'quellas reuniões da rua da Cruz accrescia ainda o especial encanto que lhes communicava o vivo espirito da intelligente e formosissima companheira de Xavier Cordeiro. Quem nos diria a nós, — a todos quantos admirámos as prendas de coração e de espirito, que enalteciam aquella gentilissima dama, — quem nos diria a nós que, a pouco trecho, — em 1886, se não me engano, — ella teria um fim desastrado, que ainda nos faz estremecêr de horrôr, e que abalou até o mais intimo da alma o seu devotado companheiro? Queimada viva, aos olhos do esposo, sem que nada a pdesse subtrahir ao medonho suplicio!
Desde esse fatal momento, Xavier Cordeiro tornou-se outro: — aquella eterna mocidade, que lhe cantava na alma e lhe sorria no rosto; aquella vivacidade de expansão; aquelle enthusiasmo franco por tudo que falasse ao seu coração de artista: tudo se transmudou numa *apagada* mas não *vil tristeza*, numa indifferença glacial para tudo, num automatismo, que fazia calafrios aos seus amigos.
Cabisbaixo, guarda-sol encostado ao hombro, e a barba meio-occulta no seu inseparavel *cachenez*, passava de em longe longe por essas ruas, cosendo-se com as paredes, estugando o passo e evitando o encontro e a conversação dos proprios amigos. Desde que ella, a sua Piedade, o deixára, reconhecia-se só e quasi não via mais ninguem. Na sua solidão, evocava apenas uma sombra querida. Mas os seus solilóquios eram dolorosissimos. Dizia elle:

Entre espiraes de chammas
Via-a cheia de horror, de medo, louca,
Supplice, as mãos erguidas, boquiaberta,
Correndo para mim, clamando afflicta:
— «Querido da minha alma! eu morro! eu morro!
Acode-me, por Deus!» — ....
Em torno d'ella, uma fogueira enorme,
Deixando atrás de si fragmentos igneos
Da tunica de fogo, que a cingia!

Como o poeta pôz de lado a rima, para que o coração desafogasse sem peias a mais imcomportavel angustia!
Chamavam-no as saudades *della*; mas, antes que elle se partisse para a eterna viagem, conseguiram os seus amigos que elle fizesse o inventario das suas prosas e dos seus versos, para que, quando as letras o perdessem, não perdessem ao menos os principaes testemunhos do culto que elle lhes sagrara. E ahi temos hoje as *Esparsas* e os *Serões*, a attestar que Xavier Cordeiro hombreava com muitos dos mais festejados homens de letras do seu tempo. E' verdade que pela imprensa periodica do romantismo, pelo *Trovador*, pela *Estreia litteraria* e por outras folhas, tinha elle já conseguido invejavel popularidade com a sua *Doida de Albano*, com o *Tasso no hospital dos doidos*, com a *Carreira veloz* e com outros notaveis documentos de talento e estro; mas o livro sobrevive á folha volante do jornal, e o nome de Xavier Cordeiro tem o direito de ficar vinculado a uma época literária, que abrange nomes como Soares de Passos, João de Lemos, Pereira da Cunha, Antonio de Serpa, Ayres de Gouveia, Alexandre Braga e tantos outros.

Já noutro logar e noutro tempo [1], fiz a biographia do poeta. Reproduzil-a sería talvéz fastiento, ao cabo deste longo artigo. Bastará registar, para os que menos hajam conhecido o homem, que elle completaria 77 annos de idade a 23 do corrente dezembro; que nasceu e morreu nas Córtes, ao pé de Leiria; que foi orador parlamentar e redactor do *Diario* da camara dos deputados; e que nunca teve um inimigo, talvez porque nunca pensou em ser ministro.

De pequena estatura mas de grande coração, não alimentou nunca rivalidades e malquerenças, a que nem sempre se eximem os grandes homens de pequeno espirito. Onde elle visse um literato incipiente, trabalhador e honesto, lá estava elle a estender-lhe a mão, a saudál-o, ás vezes com exaggero, mas com a aberta sinceridade da sua grande alma sem refolhos. Abstenho-me de citar exemplos, que por demais conhecidos são. Nada lhe importava, antes folgava, que outros o excedessem em renome, contanto que o renome tivesse alicerces e revertesse em prestigio da sua terra e das letras do seu paiz. Esquecia-se de si, pensando jubiloso na gloria alheia, e não conheci nunca altruismo mais espontâneo e authentico.

E assim, ao passo que as letras perderam um cultor desvelado e prestador, justo é que o seu epitáfio não deslembre o adamantino caracter daquelle que justificou exemplarmente o banal qualificativo de homem de bem, distribuido a eito por tanta gente, que do bem só conhece as tres letras que formam a palavra.

1 *Homens e letras*, por Candido de Figueiredo, Lisboa, 1882, pag. 125 e 403.

Candido de FIGUEIREDO

OS THEATROS



Uma *première*

MULHERES BONITAS



PAULA MARK

Paula Mark é uma das mais formosas cantoras vienenses A sua bella physionomia de meridional, expressiva, onde brilham uns olhos côr da noite dá á sua pessoa um alto relevo de distincção. E' já hoje, apezar de muito nova ainda, uma artista muito festejada e querida das plateias. No verão de 89, creança ainda, andava Paula Mark no Conservatorio de Vienna e era frequente encontral-a na rua, sobraçando o seu livro de musica No seu exame final, causou sensação no auditorio. O claro timbre da sua voz, a grande extensão que dava aos sons, os seus olhos admiraveis e o enorme talento artistico, que revelou n'essa occasião, conquistaram-lhe a admiração e a estima de todos que a ouviram. O emprezario Jahn, reconhecendo-lhe aptidões extraordinarias para a difficil arte do canto, offereceu-lhe uma escriptura. Paula Mark agradeceu gentilmente e disse-lhe: «Estou já escripturada por tres annos para Leipzig.»

N'esta ultima cidade, Paula Marck debutou na *Glockchen dos Eremiten (A sineta do Ermitão,* traduzida em portuguez com o titulo de «Dragões de Villars»), no papel de Rosa Friquet, correspondendo á espectativa de todos. Terminada a sua escriptura em outubro de 93, voltou para Vienna onde foi consagrada uma das primeiras cantoras.

As intenções de Paula Mark ao iniciar os seus estudos no Conservatorio, eram dedicar-se ao mister de pianista. Mas, no decurso das suas lições apoderou-se d'ella um extraordinario desejo de ser cantora. Seus paes é que não queriam consentir; essa ideia da filha ir para um theatro, atterrorisava-os. E só accederam aos seus desejos com a condição de ella entrar apenas em concertos. O exito que ella obteve em Leipzig desculpou aos olhos de sua familia a infracção ás condições estipuladas. Em Leipzig, na sua despedida, as primeiras damas da cidade offereceram-lhe ricas joias, brilhantes, e outras pedras preciosas. O seu papel favorito é o de *Santuzza* na *Cavalleria Rusticana*, que ella faz admiravelmente, a ponto do proprio emprezario italiano Sonzogno lhe dizer «que ella é a melhor de todas as Santuzza.»

Além d'esta opera tem cantado a parte de *Nedda*, de Leoncavallo e a *Margarida* do Fausto, onde o seu talento mais avulta.

De Leipzig foi escripturada para Coburgo, para cantar a *Kassilda*. Ali obteve a medalha de Artes e Sciencias, que é uma honra raro concedida. Além de cantora, Paula Mark é uma consummada actriz dramatica, dando um intenso relevo aos seus papeis. E a juntar a todos estes predicados, a sua gentileza, a sua mocidade e a sua grande belleza dão-lhe um logar áparte no mundo theatral austriaco.

*

* *

Elisa Saner é uma actriz allemã de uma rara belleza e de um grande talento dramatico, que creou o papel principal do drama Ernst Wichert *Aus eigenem Recht* (O nosso direito). E' tambem muito nova, 22 annos, esbelta, de grandes olhos azues contemplativos, — uma loira ideal, com um casto ar de Virgem. Debutou no theatro de Berlim, onde foi notada certa noite pelo imperador da Allemanha que assistia á representação da peça de Wichert.

Elisa Saner nasceu em Dantzig, d'onde seus paes passaram para Reval, quando ella tinha apenas oito annos. Aos cinco annos, já creava papeis em theatros de cartão, representando ella todos os papeis e manifestando assim a sua vocação para a scena. Já de mais idade tinha uma grande admiração pelas celebridades theatraes. Aos quinze annos resolveu, sem que os seus paes soubessem, procurar o emprezario Behrend do theatro de Reval para se escripturar como corista e para desempenhar algumas rabulas.

Começou então para ella essa rude carreira, cortada de dissabores, em que teve de desenvolver uma grande energia para conseguir o almejado fim. Escripturou-se como actriz n'um theatro de verão em Riga, mas a empreza falliu e Elisa Saner ficaria em bem más circumstancia se o emprezario Rosicke a não escripturasse para o theatro municipal de Riga. D'alli passou ao theatro de Elberfeld-Barmen, onde esteve uma temporada, representando depois em Lubeck e em Berlim. A sua estreia n'esta ultima cidade foi na *Lucta pela vida*, de Daudet. Creou depois o papel de Thereza nas *Leôas pobres* de Augier e o de Mimi na *Bohemia*, de Mürger; mas onde o seu talento mais se revelou foi no *Fim de Sodoma*, de Sudermann.



ELISA SANER

Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre

(II)

FABRICAÇÃO DA PORCELANA DURA

Como remate a esta breve descripção, vamos dizer alguma coisa sobre o systema de fabricação da porcelana dura, alli seguido, cujas materias primas empregadas na composição da pasta são o *kaulino*, *feldspatho* e *quartzo*.

O *kaulino* (argilla mais pura e que provem da decomposição do *feldspatho orthose*) é explorado em Valle Rico, concelho da Villa da Feira. O *feldspatho* e *quartzo* vem do Porto, de Mangualde e de Villa Meã.

O *kaulino* é lavado e peneirado. O *feldspatho* e *quartzo* são escolhidos para lhes separar as grandes porções d'oxydo de ferro que lhes andam aggregados.

Todos estes materiaes são levados para poços mechanicos, onde são moidos e intimamente misturados, junctando-se-lhes depois agua e continuando a misturar. Ha umas palhetas n'estes poços que movem estes materiaes.

Esta massa liquida sahe dos poços por um cano, para um deposito. D'este, é tirado por uma bomba e levado para uma prensa, que lhe tira toda a agua, passando finalmente para um amassador, onde obtem mais homogeneidade e plasticidade, ficando em estado de ser modelada.

Estes engenhos, onde são feitas todas estas operações, são movidos pela machina a vapor, que communica mo-





VASOS DE PORCELANA — Offertados pelo Ex.mo Bispo Conde de Coimbra a Sua Santidade Leão XIII.

vimento por meio d'uma correia sem fim a um tambor fixo no veio principal, que o transmitte por meio de engrenagens áquelles engenhos.

A modelação dos objectos faz se na *roda* ou *por moldagem*. O 1.º methodo comprehende as operações de esboçar o objecto á mão e de o acabar com ferramentas apropriadas. O 2.º methodo (*moldagem*) faz-se applicando com a mão ou esponja uma lamina da pasta sobre um molde de gesso, ou applicando em um molde de gesso e de forma concava a pasta muito diluida (*lambugem*), decantando o liquido para o substituir por nova quantidade de *lambugem*, e assim por deante, e successivamente, até que seja sufficiente a espessura da camada adherente ao molde de gesso.

Modeladas as peças são deseccadas ao ar e submettidas em seguida a uma primeira cozedura no segundo pavimento ou laboratorio superior do forno, onde recebem um calor brando a que chamam *chacote*. Estas peças são mettidas em caixas refractarias de varias dimensões, chamadas : *gazetas*.

Depois de receberem esta branda cozedura, vão para a officina de vidrar onde são envernisadas, mettendo-as n'uma tina que contem agua, e em suspensão uma mistura de *quartzo*, *kaulino* e *cal*. As peças não se demoram n'este liquido, tiram-se rapidamente e tambem seccam com a mesma rapidez. Ha depois os retoques a pincel nos pontos em que as peças não receberam o verniz ou esmalte. O ponto de fusão d'esta mistura deve corresponder á temperatura em que a porcelana começa a vitrificar-se.

Mettidas novamente nas caixas ou *gazetas*, são submettidas a segunda e ultima cozedura, sendo a temperatura mais elevada, e as *gazetas* collocadas no pavimento inferior, e umas sobre as outras, formando pilhas a que se dá o nome de *fios*.

As primeiras 10 horas são de lume brando : *lume d'esquenta*. Tapam-se depois as boccas do forno, começando o grande calor : *lume de calda*, que dura de 24 a 36 horas.

Avalia-se a marcha da cozedura tirando amostras (pequenos objectos de porcelana), de vez em quando, das *vigias* (aberturas rectangulares). Concluida a cozedura, diminue-se gradualmente o calor, e, depois da loiça completamente fria, começa o desenfornamento.

Como se vê, é bastante laborioso o fabrico da porcelana.

DECORAÇÃO DA PORCELANA

A decoração ou pintura da porcelana obtem-se pelo emprego d'oxydos metalicos com um fundente de base de



O TUMULO DO BISPO NA VISTA ALEGRE

minio, silica e borax. Os oxydos mais empregados são o de chromio, zinco, 'cobalto, antimonio, cobre, estanho, iridio.

Os principaes saes são os chromatos de ferro, de barita, de chumbo, e algumas vezes o chloreto de prata.

As côres são fundidas em pó impalpavel, podendo ser applicadas sobre a porcelana desengordurada (*chacotada* ou em *biscoito*), ou sobre a porcelana vidrada.

A applicação faz-se a pincel ou por processos analogos aos da chromo-lithographia.

As cores são desfeitas em essencias d'alfazema ou de terebenthina. Os metaes são applicados á superficie da porcelana, em pó impalpavel, em suspensão na agua gommada, se a coberta é facilmente fuzivel, ou associados com um fundente.

A loiça depois de pintada vae para a estufa para seccarem as tintas, e, em seguida, vae para uma grande caixa d'argilla refractaria, ou *mufla*, onde a temperatura é inferior á dos fornos destinados á cozedura da loiça.

Esta operação é destinada a fixar as tintas na loiça, ganhando esta as côres, que se vitrificam com os fundentes. Depois da cozedura, e com um brunidor, dá-se o brilho ao deposito metalico.

O gráu de temperatura em que a loiça deve entrar na *mufla* avalia-se por amostras que se vão examinando.

São oito *muflas*, tendo cada uma fornalha independente.

*

Para se avaliar a perfeição dos productos d'este estabelecimento fabril, illustramos este despretencioso artigo com as photogravuras de dois elegantes e primorosos vasos de porcelana, ali fabricados, no anno de 1887, por encommenda do illustre Antitiste de Coimbra, para offertar a Leão XIII pela occasião do seu jubileu sacerdotal.

Estes vasos, cuja feitura e decoração foi executada por artistas portuguezes d'aquelle estabelecimento, e cujo modelo e padrão são originaes da mesma fabrica, tem de altura 8 decimetros e são perfeitamente eguaes.

Na frente vê-se o

cetrato do presenteado, Leão XIII, emmoldurado em forma de medalhão. E do lado opposto um emblema pontifi-io, tambem emmoldurado.

O pedestal é quadrado, e tem na frente as armas pontificias, com a inscripção latina da data commemorativa: *31 Decembris 1887*; e nas outras tres faces, a partir do lado direito, e a seguir, as armas do Bispo de Coimbra com a inscripção: *Off. E Conimbricensis*; as armas de Portugal, com a inscripção *Amoris argumentum*; as armas d'Aveiro com a inscripção: *Observantiae pignus.*

Uma das gravuras apresenta a frente do vaso e o lado lateral direito, de perfil. A outra apresenta o vaso do lado posterior e o lado lateral esquerdo, na mesma posição, de perfil.

Foram muito apreciados no Vaticano; e na exposição que lá se fez das innumeras e preciosas offertas enviadas a Leão XIII, lá figuraram entre os vasos da afamada fabrica de Sèvres e em logar distincto — na galeria de *La Pigna,* unica destinada aos presentes mais ricos e primorosos, fazendo-se assim justiça ao honroso trabalho dos artistas d'este importante estabelecimento fabril, que já se orgulha de possuir diplomas e medalhas que alcançou nos varios certamens das exposições internacionaes, onde concorreu.

Ha em Lisboa um deposito d'esta loiça, no Largo das duas Egrejas, que, pela sua perfeição, tem passado por loiça extrangeira. Aos amadores da arte nacional lembramos a visita a este deposito, para avaliarem os progressos da nossa industria ceramica.

Ao seu Ex.mo Director e co-proprietario cabem os maiores encomios pelos melhoramentos que alli tem introduzido

Ilhavo, dezembro de 1896.

MANOEL FERREIRA DA CUNHA.

"AD HOMINEM"

(Original de Soror Juana Inés de la Cruz — Seculo XVII)

Homens nescios que fallaes
Contra a mulher sem razão,
Quando daes occasião
A' falta que condemnaes;
Sempre com manha infernal
Affrontando o seu desdem,
Quereis que proceda bem
Se a provocaes para o mal?

Não medis da vossa inépcia
Os resultados fataes,
Querendo tornar em Thais
A que desejaes Lucrecia;
E não será caso raro,
Falho de todo conselho,
Empanar o mesmo espelho
Que se deseja tão claro?

Vossa perfidia só tem
Na presumpção um rival:
Choraes se vos tratam mal,
Zombaes se vos querem bem.
N'essa guerra de cilada
Não ha tregoa nem quartel;
A que resiste é cruel,
A que se rende, culpada.

Loucamente amesquinhaes
Aquella que pretendeis;
Se não quer, vos offendeis,
Se consente, a censuraes;
Vosso amor assim destôa
Da vossa ventura; em fim,
Fazeis a mulher ruim
E quereis que seja bôa.

....
....

Quem será mais de culpar
Na dupla e vil veniaga,
A que pecca p'ra ser paga
Ou quem paga p'ra peccar?

Não culpes, pois, as mulheres,
Homem de juras fallazes;
E' querel-as como as fazes,
Ou fazel-as como as queres!

G. VENDRELL, trad.



HISTORIAS PARA CREANÇAS

Meus amiguinhos :

QUANTO eu estimava que todos vós me decorasseis o nome e fosseis meus amigos como eu sou de todos vós, ó meus anginhos, de todos aquelles que se portarem bem e sejam muito bons para os pobres, os infelizes, as creanças que pelas portas choram de frio e de fome, emquanto vós ides talvez chorar, porque a vossa mamã vos não dá uma gulodice ou um boneco muito caro, chegando o preço d'elle para vestir uma pequenita esfarrapada e magrinha, que hontem vos olhou n'uma ancia de fome, quando passaveis com as mãos cheias de bolos.

Todos os pequeninos leitores d'estas minhas historias são muito bons, não é verdade? São, tenho a certeza — e por isso eu penso em lhes dar um bocado de prazer e pergunto a toda a gente que acerto d'encontrar a geito:— Sabe historias de fadas e encantamentos ?—Tal qual vós fazeis, quando alguma criada vos entra de novo em casa ou alguma pessoa toma relações com a vossa familia. E fico muito contente, muito contente, quando me respondem—que sim, que sabem historias! Penso logo:—Deus queira que sejam muito lindas para os meus amiguinhos ficarem contentes!

Pois bem : o outro dia disseram me que ha por ahi uma velhinha que sabe contos. Ora! Fiz logo tenção de tomar conhecimento com a bôa mulher. E como ella é uma pobresinha de Christo, que ganha de manhã para comer á noite, pedi-lhe que viesse a minha casa.

E' um encanto, meus amigos! Como ella sabe lindas historias de sonho e como ella as sabe contar! Quanto eu daria por vos ter aqui todos a ouvir a sr.ª Marianna! E' assim que se chama a velhinha. Não o esqueçam, que ella é muito bôa e merece toda a nossa sympathia. Como nenhum de vós estava comigo a ouvir os contos, pedi á sr.ª Marianna, que falasse devagarinho e fui escrevendo a sua historia. Ella sabe muitas e eu tambem tenho uma grande collecção, que todas irei dizendo áquelles que forem bons e amigos dos pobresinhos.

E' uma pobresinha a sr.ª Marianna e tem esta riqueza de contos para vos entreter. E, sabem uma coisa bôa, mesmo muito bôa, que os meus amiguinhos podem fazer ? . . E' escreverem-me todos com as suas lettrinhas de principiantes, umas cartas muito lindas, a dizerem se gostam do conto da boa velha e querem que lhes mande mais. A'quelle que me escrever a carta mais bonita—mas toda sahida da sua cabecinha—darei, quando elle se publique, o meu livro de *Contos para crianças.* Valeu? Escrevam para Setubal; já sabem o meu nome, não é verdade ? Vamos lá a ver. Agora vou começar o conto da sr.ª Marianna, tal qual ella m'o disse.

E' tão engraçada a velhinha, se a visseis! Baixa, muito limpa, fala claramente com pausas de sábia narradora e tomando a sua pitada de rapé, emquanto escrevo.

Entra, e eu muito agradecida mando-a logo sentar. Ella começa: — Esta é a historia da *Princeza encantada :*

*
* *

— Havia um rei que tinha um filho. O rei adoeceu e morreu. Depois o principe foi uma occasião dar volta á secretária dos papeis do pae, onde achou um retrato muito lindo d'uma princeza. Deu volta ao juizo onde haveria a pessoa egual áquelle retrato. Não era possivel haver por banda nenhuma. Havia muita menina bonita, mas como aquella, nenhuma! Já lhe não importava que fosse rica, que fosse pobre, o que queria era que se parecesse com o retrato. Tinha elle um conselheiro que o criára de pequeno e era muito seu amigo. Correu todo o mundo á procura da princeza e não foi possivel encontral-a.

Resolveu-se então a ir com o principe correr mundo. Chegaram a uma estalagem e ali comeram, beberam e resolveram ficar aquella noite.

O conselheiro não se deitou. Foi para a janella vêr se ouvia algumas falas que lhe dessem a saber onde haveria aquella menina. Então ouviu tres fadas que conversavam umas com as outras : — Olha, não sabes ? O principe está muito triste e o conselheiro não se deita a considerar na princeza de quem o pae lhe deixou o retrato. Respondeu a segunda : — Ora ! Como a hade elle encontrar, se está em pedra marmore em tal sitio assim, assim !... Veio a terceira:—Olha, se alguem nos ouvisse era ir a tal sitio, apanhar uma mão cheia d'hervas e cozel-as. Com essa agua lavar a estatua dos pés para a cabeça. Fica logo transformada em princeza. E quem isto ouvir e contar, em pedra marmore se ha de tornar. O conselheiro que isto ouviu, disse lá comsigo : — Ora esta !... Agora que hei de fazer?...

(Continua).

ANNA DE CASTRO OSORIO.



GABINETE DE TRABALHO DO PRINCIPE DE BISMARCK

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA